

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

**O Conceito de Regras em *Da Certeza*:
Terceiro Wittgenstein?**

Gelson Luiz Daldegan de Pádua

Porto Alegre, Agosto de 2007

GELSON LUIZ DALDEGAN DE PÁDUA

**O Conceito de Regras em *Da Certeza*:
Terceiro Wittgenstein?**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich

Porto Alegre
2007

GELSON LUIZ DALDEGAN DE PÁDUA

O Conceito de Regras em *Da Certeza*

Terceiro Wittgenstein?

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em, 01 de agosto de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich (PUCRS) – Orientador

Prof. Dr. Urbano Zilles (PUCRS)

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito (UNISINOS)

*A língua é um labirinto de caminhos.
Você vem de um lado, e se sente por dentro;
você vem de outro lado para o mesmo lugar,
e já não se sente mais por dentro.*

(Wittgenstein, § 203 - Investigações Filosóficas)

AGRADECIMENTOS

*A meus pais, João e Jacy, e meus irmãos, Jociane, Carmem, Mário e Leticia;
ao mestre Roberto Hofmeister Pich;
aos amigos da FACEVV, a Girlene Gobete e especialmente a Genecy Louzada;
aos colegas do PPG, Thiago Leite e Luciana Rohden;
ao amigo Mauro Castro, os amigos de Vitória e os novos de PoA;
a Clovis Cunha, Georgina Simião e Lucélia Albernaz;
à PUCRS.*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo central investigar o conceito de Regras e a noção de seguir regras na obra *Da Certeza* de Wittgenstein para verificar a existência de mudanças significativas no pensamento do filósofo apresentada em *Investigações Filosóficas* que justifique a idéia de “terceiro Wittgenstein”. Se, do *Tractatus* à *Investigações Filosóficas* houve uma redefinição da natureza da gramática, de *Investigações* à *Da Certeza*, Wittgenstein redefiniu a extensão desta gramática. Com a redefinição da natureza da gramática, o filósofo propôs os “jogos de linguagem” e, como todo jogo esse também está associado à regras. Essas regras estavam abertas à inspeção, o qual conferia a elas uma arbitrariedade, elas não tinham contas a prestar à realidade, elas nada mais faziam do que determinar o significado e, por esse motivo, não eram responsáveis perante o significado. Já com a redefinição da extensão da gramática o que parece ser contingente ou parece proposições empíricas pode apresentar um status lógico e por isso também podem pertencer à gramática. Como todo jogo de linguagem que apresenta proposições empíricas ou fatos contingentes precisa ser encerrado ou transformado em um novo jogo, o jogador precisa recorrer à idéia de *Weltbild* para reestruturar as regras do novo jogo. Este trabalho propõe que com a noção de *Weltbild* é possível separar o que é empírico do que é aparentemente empírico e assim, poder estabelecer regras para que o jogo de linguagem aconteça.

Palavras-chave: Regras. Jogos de Linguagem. *Weltbild*. Wittgenstein.

ABSTRACT

The present dissertation aims to investigate the rules concept and the notion of following rules in the Wittgenstein's *On Certainty* in order to verify the existence of substantive changes in his thought, as presented in his *Philosophical Investigations*, that allows to postulate the "third Wittgenstein" idea. If, from the *Tractatus* to the *Philosophical Investigations*, there was a reformulation of the nature of the grammar, from the *Investigations* to the *On Certainty*, Wittgenstein has reformulated the extension of this grammar. With the reformulation of the nature of the grammar, the philosopher has proposed the "language-games" and, as in each game, that is also associated with rules. Those rules could be inspected and this would give to them an arbitrariness; they were not dependent upon the reality, they only determined the meaning and, therefore, they were not responsible for the meaning. On the other hand, with the reformulation of the extension of the grammar, what seems to be contingent or seems to be empirical propositions may present a logic *status* and, because of this, may also belong to the grammar. As each language-game that presents empirical propositions or contingent facts needs to be enclosed or transformed into a new game, the player needs to turn to the notion of *Weltbild* in order to structure again the rules of the new game. This dissertation proposes that, with the notion of *Weltbild*, it is possible to separate what is empirical from what seems to be empirical and, therefore, to set up rules so the language-game happens.

Key words: Rules. Language-games. *Weltbild*. Wittgenstein.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	15
1 - Da Certeza	15
1.1 - Das Características	16
1.2 - Da emergência da escrita	18
1.3 - Dos Conceitos	20
1.3.1 - Certeza	21
I - Gewissheit	22
II - Sicherheit	24
III - Gewissheit X Sicherheit	26
1.3.2 - Saber	27
1.3.3 - Conhecimento	30
1.3.4 - Acreditar	31
1.3.5 - Mostrar	34
CAPÍTULO II	37
1 - Regras	37
1.1 Significado	37
1.2 Jogos de Linguagem	40
I - Discutindo as regras.	42
2 - Formas de vida	46
CAPÍTULO III	50
Sobre seguir regras	50
CAPÍTULO IV	58
1 - Terceiro Wittgenstein?	58
1.1 - A idéia de Terceiro Wittgenstein	59
1.2 - Defensores da Idéia de Terceiro Wittgenstein	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
Obras de Ludwig Wittgenstein	76
Bibliografia de apoio	77
Bibliografia secundária	80

Introdução

A linguagem sempre permeou os problemas filosóficos. Ao longo da história da filosofia encontram-se posicionamentos como o do sofista Górgias – o qual afirmava o poder da linguagem, como por exemplo o *Elogio de Helena* e o *Tratado sobre o não-ser*. Já os estóicos, consideravam que a linguagem começa com o estudo da palavra. A palavra para esta filosofia é um corpo (no sentido da matéria), pois ela tem ação – ela vai de quem fala para quem escuta. Os estóicos afirmam ainda, que o significado da palavra, é a coisa que se compreende e que se pensa, mas que um estrangeiro não compreenderia o significado, apesar de ele ser capaz de entender a palavra.

O *Crátilo* de Platão é considerado como um dos primeiros escritos de reflexão sobre a linguagem. Platão, na verdade, inaugura o que a contemporaneidade define como crítica da linguagem: a obra escrita em forma de diálogo traz a essência da linguagem humana como tema central e traça paralelos entre o naturalismo e o convencionalismo, explicitando o poder cognoscitivo da linguagem.

Aristóteles, rompe a ligação imediata entre palavra e coisa e esboça uma teoria da significação, onde, por um lado, estabelece a distância entre linguagem e ser e por outro considera a relação entre ambos. O pensamento de Aristóteles antecipa posições que na atualidade são tomadas pela filosofia contemporânea da linguagem, ou seja, toda reflexão é mediada lingüisticamente.

“A questão filosófica da origem da linguagem e sua natureza é, no fundo, tão antiga quanto a questão da natureza e da origem do ser”¹ e para não se cair em um estudo cronológico da história da filosofia da linguagem, apontando filósofos e sintetizando suas teorias, e sim tratar da relevância dos problemas em filosofia da linguagem, verifica-se que na idade contemporânea e, especificamente, no século XX, considerado por muitos como o século da linguagem, encontram-se teorias significativas para os problemas da linguagem, nomes como de Saussure na lingüística e de Wittgenstein na filosofia destacam-se ao lado do advento da fenomenologia.

No século XX, importantes filósofos se dedicaram ao estudo da filosofia da linguagem tais como: Gottlob Frege, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein. O primeiro deles deixou seu legado com a teoria do sentido, o segundo contribuiu com a teoria das descrições e o terceiro, talvez o mais intrigante deles, apresentou para a contemporaneidade a linguagem como figuração e como instrumento.

Frege, com sua Teoria da natureza do significado, de certa forma inicia uma nova fase na história da filosofia da linguagem. A fixação pela palavra “ser” de filósofos de outras áreas e convicções, volta-se agora para a palavra “significado”, esta é a fixação dos filósofos da linguagem. A teoria proposta é a diferenciação entre

¹ CASSIRER E. **A filosofia das formas simbólicas I** – A linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 79.

significado e significação das expressões; existe, aqui, uma aproximação da distinção entre significado e significante feita pelos lingüistas.

Influenciado por Frege, mas com uma concepção diferente de conhecimento, Russel afirma haver duas formas de conhecimento: uma por familiaridade e outra por descrição. O conhecimento por familiaridade está ligado imediatamente às experiências e sensações que os indivíduos vivenciam, bem como às idéias e aos conceitos gerais já formulados e memorizados. O conhecimento por descrição é composto por conhecimentos por familiaridade, ou seja, são construções lógicas elaboradas de pequenas “partículas”. Russell propõe a “concepção metafísica da relação entre linguagem e mundo por ele chamada de atomismo lógico”². Para o atomismo lógico as sentenças da linguagem seriam elementos simples, ou seja, aqueles que se conhecem por familiaridade, e da mesma forma como a matéria é composta de ligações de elementos simples encontrados na natureza, também os conhecimentos complexos, nada mais seriam que a ligação de conhecimentos simples.

Wittgenstein, considerado por muitos como um dos mais importantes filósofos do século XX, apresenta não apenas uma teoria da linguagem, mas duas teorias distintas. A primeira delas, quando ele ainda estava influenciado pelo logicismo filosófico de Frege e Russell, se refere a uma filosofia da “linguagem ideal” encontrada na obra *Tractatus Logico-Philosophicus*. A segunda se refere a uma “linguagem ordinária”, aquela que se fala no cotidiano, as principais obras dessa fase são *Investigações Filosóficas* e *Da Certeza*. Na primeira fase, ele considera a

² COSTA, C. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

linguagem como figuração, tendo como objetivo explicar a natureza da linguagem representativa ou factual com intuito de fazer leituras e compreensões do mundo real e de como a linguagem se torna significativa. Já na segunda fase, a linguagem é vista como instrumento – a veracidade das expressões são verificadas no seu uso e as palavras só adquirem significado no fluxo da vida é no uso que o signo ganha seu sopro vital. Para Wittgenstein as expressões adquirem funções diferentes de acordo com o contexto que elas são empregadas. O termo uso deve ser entendido aqui como maneira, o modo ou a forma como a expressão é usada, o uso não tem sentido arbitrário, não tem intenção de regras de utilização, nem estabelecer métodos corretos de proferi-las.

Wittgenstein cria uma nova imagem da linguagem. A linguagem agora é vista como uma atividade humana – existe uma estreita relação entre linguagem e ação, tanto é vista como ação que ele compara o falar da linguagem a jogar. Wittgenstein afirma, ainda que são tantas as formas de vida existentes e tantas são as formas e o uso da linguagem, ou ainda como ele mesmo expressa, são tantos os “jogos de linguagem” que são inúmeras as possibilidades de ‘jogadas’. Com esse feito, rompe-se de uma vez por todas a concepção tradicional da linguagem.

Considerando-se a existência de duas filosofias da linguagem apresentadas por Wittgenstein, e considerando, ainda, a não existência de dúvidas sobre tal fato, esta dissertação tem a intenção de analisar se há mudanças significativas no pensamento de Wittgenstein expressado em *Investigações Filosóficas* quando comparado às idéias apresentadas em *Da Certeza*. Para isso se baseia nos

estudiosos da filosofia wittgensteiniana que defendem a existência do "Terceiro Wittgenstein". Dentre eles destacam-se nomes como: Danièle Moyal-Sharrock, Avrum Stroll, José Medina, Dale Jacquette, Daniel D. Hutto e Jacques Bouveresse. Esses estudiosos defendem mudanças no pensamento de Wittgenstein em alguns aspectos, e, por uma questão de limitação de análise, a dissertação ora apresentada limita-se ao estudo das regras.

O presente trabalho intitulado "O Conceito de Regras em *Da Certeza*" analisa a partir de *Investigações Filosóficas*, o conceito de regras e a noção de seguir regras a fim de verificar mudanças no pensamento de Wittgenstein, na obra *Da Certeza*, no que tange à regras e a noção de seguir regras para justificar a tese de um "terceiro Wittgenstein".

A dissertação conta com quatro capítulos, a introdução e a conclusão. O primeiro capítulo destinou-se a apresentar a obra *Da Certeza* onde discute-se suas características, algumas particularidades e alguns conceitos presentes. O segundo e o terceiro capítulos centram-se na obra *Investigações Filosóficas*. O segundo apresenta e discute os conceitos de Regras e Formas de Vida – para chegar a esses conceitos foi inevitável apresentar os conceitos que, de forma direta ou indireta, levaram à elaboração deles por Wittgenstein; portanto, discutem-se, também, os conceitos de Significado e Jogos de Linguagem. No terceiro capítulo, reservou-se espaço para a discussão da noção de seguir regras. O quarto, apresenta a "idéia de terceiro Wittgenstein", bem como alguns defensores desta concepção e seus estudos. E, finalmente, nas considerações

finais, procurou-se defender a idéia de "terceiro Wittgenstein" com relação a regras e a noção de seguir regras.

Salienta-se que para a realização deste estudo, a edição da obra *Da Certeza* utilizada foi a tradução portuguesa publicada pela edições 70, embora recorreu-se também, em algumas situações, à tradução inglesa e à original. Quanto a *Investigações Filosóficas* utilizou-se a tradução feita no Brasil publicada pela Editora Vozes em conjunto com a Editora Universitária São Francisco e para contraposição de interpretação recorreu-se também à publicada pela Editora Nova Cultural.

Como o estudo apresentado no primeiro capítulo trata exclusivamente de *Da Certeza*, todas as notas de referência que apresentam somente o número do parágrafo se referem a esta obra e à edição identificada acima. Esclarece-se que a opção por esta forma de referência não teve outra intenção, a não ser a de simplesmente "despoluir" o texto.

Capítulo I

1 - *Da Certeza*

As origens de *Da Certeza* remontam de uma discussão de Wittgenstein com N. Malcolm³ a respeito de dois ensaios de Moore. Algumas discordâncias e concordâncias com relação a alguns conceitos constantes em *Comprovação de Mundo Exterior* e *Em Defesa do Senso Comum* teriam sido o ponto de partida da escrita de *Da Certeza*⁴.

Os últimos parágrafos, da obra escrita entre o final de 1949 e o início de 1951, foram escritos um dia antes de Wittgenstein entrar em coma e vir a falecer em 29 de abril daquele ano⁵. Por essa razão *Da certeza* é considerado um trabalho incompleto, visto que estava em processo de construção e Wittgenstein não teve tempo suficiente para revisá-lo e quiçá escrever uma introdução.

A forma da escrita de *Da Certeza* é a mesma presente em *Investigações Filosóficas* e *Tractatus Logico-Philosophicus*, ou seja, o autor adota o sistema de parágrafos numerados. À primeira vista, nota-se uma falta de ligação e de continuidade entre os parágrafos e passa a impressão, aos leitores mais desavisados, que os parágrafos são estanques, e remetem à idéia de proposições

³ O encontro de Wittgenstein com Malcolm aconteceu na casa do último, em Ithaca - N.Y. no ano de 1949. Cf. ANSCOMBE, G. E. M. e VON WRIGHT, G. H. em Prefácio de *Da Certeza*.

⁴ Cf. Ibidem.

⁵ Os parágrafos 670 a 676 estão datados em 27 de abril.

matemáticas, motivo este, considerado por muitos, como dificultador de entendimento da filosofia de Wittgenstein.

1.1 - Das Características

A obra *Da certeza* está dividido, em quatro partes. A divisão estabelecida por Anscombe e Von Wright baseia-se nos períodos em que as partes foram escritas e que, segundo eles, foram retomadas em períodos distintos nos dezoito meses que sucederam a escrita da obra. Assim, dos 676 parágrafos, a primeira parte abrange do primeiro ao 65; a segunda do 66 ao 192; a terceira do 193 ao 299 e a última parte, os parágrafos restantes. No entanto, com relação à numeração dos parágrafos, eles afirmam ser de responsabilidade dos promotores da edição⁶.

Embora os responsáveis pela organização⁷ da obra afirmem que das quatro partes a primeira estava escrita em folhas separadas e o restante em cadernos de anotações devidamente datados, na obra publicada as datas só aparecem a partir do parágrafo número 287 - 23/09/1950. Nesse dia Wittgenstein teria escrito o final da terceira parte. Segue-se um intervalo de quase seis meses, a próxima data é 10/03/1951. A última parte, mais de 50 % da obra, foi escrita entre o dia 10/03 e 27/04/1951. Nesse período sua produção foi praticamente diária, não havendo

⁶ ANSCOMBE, G. E. M. e VON WRIGHT, G. H. em Prefácio de *Da Certeza*.

⁷ G. E. M. Anscombe, G. H. Von Wright e R. Rhees receberam a responsabilidade pela organização e edição, do próprio Wittgenstein, de seus escritos não publicados antes de sua morte. Cf. SUMARES, M., **Sobre Da Certeza de Ludwig Wittgenstein**: um Ensaio Introdutório, Porto: Contraponto, 1994, p. 10.

registro de apenas seis datas⁸. Vale ressaltar que para o dia 21/03 existem dois registros, no primeiro foram escritos nove parágrafos e no segundo apenas um, o de número 426. O que parece ter havido é uma urgência em concluir idéias e ao mesmo tempo estabelecer um ponto de partida para o próximo dia. Os escritos desse dia referiam-se às questões sobre o "saber" propostas por Moore em oposição à "crença". Na retomada da escrita, Wittgenstein inicia o desenvolvimento da idéia de "mostrar" o que se sabe, e termina o parágrafo com uma pergunta: "[...] qual terá de ser o nosso ponto de partida, se o quisermos mostrar?"⁹, questão que ele desenvolverá nos parágrafos seguintes.

Outra particularidade da quarta parte de *Da Certeza* está nos quatro momentos em que Wittgenstein aparentemente "conversa" com o texto. O primeiro deles encontra-se nas anotações do dia 17/03. Logo após o parágrafo 387 ele alerta: "Creio que ler as minhas notas poderia interessar um filósofo, alguém que possa pensar por ele próprio. Porque mesmo que eu tenha acertado só raramente, ele reconheceria quais os alvos para que venho apontando incessantemente." O segundo momento é o que antecede os escritos do dia 05/04. Antes do parágrafo 471 em que o autor escreve: "Ainda há aqui um grande espaço em branco no meu raciocínio. E duvido que seja preenchido agora." O terceiro, se encontra no dia 16/04¹⁰, após o parágrafo 532, onde Wittgenstein diz: "Estou a filosofar agora como uma velha que está sempre a perder qualquer coisa e a procurá-la: ora os óculos, ora as chaves." O quarto é o que finaliza as anotações do dia 17/04, após

⁸ Não houve registro para os dias 11, 14, 24 e 25/03 e 01 e 02/04. Se houve ou não algum motivo para estas curtas pausas? Se foram simples indisposições ou debilitação por conta da doença? Durante a presente pesquisa não foi encontrado dados que justificassem a ausência de registros para as datas.

⁹ Parágrafo 426.

¹⁰ 16/04/1951 foi um dos dias em que o autor escreveu a maior quantidade de parágrafos. Nesse dia ele escreveu 19 parágrafos. Seu ápice foi no dia 19/04 em que escreveu 25.

o parágrafo 549. Ali ele afirma: "As pretensões hipotecam a capacidade de pensar do filósofo." No primeiro caso, o filósofo aponta a necessidade da continuidade de seu trabalho; no segundo e terceiro, fica explícita a sua própria dificuldade, já no quarto, a crítica vai para os filósofos, situação já apresentada no *Tractatus Logico-Philosophicus* quando criticou a falta de clareza da linguagem na filosofia. Em *Aulas e Conversas* teria dito que: "Se tivesse de dizer qual é o erro principal que os filósofos [...] fazem, diria que, ao olhar para a linguagem, o que se vê é uma forma de palavras e não o uso das formas das palavras"¹¹.

1.2 - Da emergência da escrita

Wittgenstein passou os dois últimos anos de sua vida como "hóspede de seus amigos e discípulos: com Malcolm em Ithaca, com Von Wright em Cambridge e com Elizabeth Anscombe em Oxford"¹², principalmente porque sua saúde já se encontrava debilitada. Segundo Monk, a escolha por viver com amigos e não com os familiares era uma forma de continuar a discutir as suas idéias, com exceção dos três últimos meses, quando ficou hospedado na casa do médico que acompanhava o seu tratamento.¹³ Portanto, todo o processo de construção de *Da Certeza* foi nessas condições, e a quarta parte, especificamente, foi toda escrita na eminência da saúde cada vez mais precária.

¹¹ Wittgenstein, L., *Aulas e Conversas*, 1991, p. 17 Cf. SUMARES, M., *Sobre Da Certeza de Ludwig Wittgenstein: um Ensaio Introdutório*, Porto: Contraponto, 1994, p. 10.

¹² MONK, R., *Ludwig Wittgenstein: el deber de genio*. Barcelona: Anagrama, 1994, p. 498.

¹³ *Ibidem*.

Da Certeza demonstra esta emergência, o tempo era curto e a pungência de deixar escrito todas as impressões sobre o tema faz com que os parágrafos tenham como característica a clareza e a objetividade. Wittgenstein evita a prolixidade e parece tentar a todo custo não deixar a linguagem poluída, as explicações dos conceitos abordados são formulados a partir de exemplos estritamente cotidianos. Com relação a isso, Moyal-Sharrock afirma que, a impressão de um "texto quebrado" em *Da Certeza*, não impede a constatação da unidade temática, nem o reconhecimento de que o problema é de fato existente, examinado e resolvido¹⁴.

A "interrogação filosófica acerca da natureza da linguagem e da significação"¹⁵ continuam presente em *Da Certeza*, tanto quanto nos trabalhos anteriores, mas agora os parágrafos são auto-explicativos, dando a impressão de que o autor precisa deixar tudo muito claro e de que não haverá tempo de retomá-los. Diferentemente de *Investigações Filosóficas*, os parágrafos do último trabalho, são mais curtos, apenas o de número 524 apresenta quatro parágrafos gramaticais, enquanto que a maioria deles tem apenas um, e, muitos deles, com apenas um período.

¹⁴ Cf. MOYAL-SHARROCK, D., *Understanding Wittgenstein's On Certainty*. New York: Palgrave, 2004, p. 4.

¹⁵ SUMARES, M., *Sobre Da Certeza de Ludwig Wittgenstein: um Ensaio Introdutório*, Porto: Contraponto, 1994, p. 11.

1.3 - Dos Conceitos

Von Wright¹⁶ afirma que, "o tratado de Wittgenstein sobre a certeza pode ser considerado como um resumo de novidades essenciais do seu pensamento" e que "o livro abre novos horizontes relativamente à sua notável realização filosófica", afirma ainda, que:

Durante o último ano e meio de sua vida, Wittgenstein escreveu quase exclusivamente sobre conhecimento e certeza. Os escritos possuem unidade temática quase únicos na totalidade da produção literária de Wittgenstein [...]. Considerando que constituem as primeiras anotações, os manuscritos não revisados parecem [...] notavelmente concluídos tanto na forma como no conteúdo.¹⁷

Além de certeza e conhecimento, em *Da Certeza*, Wittgenstein explora também outros conceitos, tais como: saber, acreditar e mostrar. Em algumas ocasiões esses termos são utilizados como sinônimos ou como forma de afirmação de certeza e de conhecimento e, em outras, assumem significações específicas. Estas situações serão demonstradas nas próximas seções deste trabalho. Outros conceitos também são abordados em *Da certeza* que causam interesse não só à filosofia, mas também a outras áreas das ciências humanas. Os conceitos como: justificação, conceito de especial interesse da psicanálise; *Lebensformen* ("formas de vida") – tema já abordado em *Investigações Filosóficas* – de interesse da psicologia e da sociologia. E como não poderia deixar de ser, outros dois conceitos presentes em *Da Certeza* são: *Weltanschauung* ("Visão de Mundo") e

¹⁶ VON WRIGHT, G. H., *Wittgenstein on Certainty*. Oxford: Basil Blackell, 1982, p. 165.

¹⁷ Ibidem, p. 166. "During the last year and a half of his life, Wittgenstein wrote almost exclusively about knowledge and certainty. The writings possess a thematic unity which makes them almost unique in Wittgenstein's whole literary output [...]. Considering that remarks constitute a first, unrevised manuscript they seem [...] remarkably accomplished both in form and content".

Weltbild ("Imagem de Mundo") de especial interesse tanto da psicanálise como da psiquiatria. Isto sem contar aqueles – que não são poucos – que consideram *Da Certeza* um tratado epistemológico, destaca-se aqui como exemplo Crispin Wright com o artigo *On Epistemic Entitlement* e Michael Kober com *Certainties of a World-Picture: The Epistemological Investigations of On Certainty*.

Com relação ao conceito *Weltbild*, neste trabalho, faz-se a opção de não adotar nenhuma tradução, por considerar que qualquer que fosse essa, não seria suficientemente abrangente para abarcar todas as idéias que a palavra *Weltbild* remete. E principalmente porque nesta dissertação, o termo *Weltbild* será utilizado para expressar não só Imagem, mas também Compreensão, Apreensão, Absorção e Representação de Mundo, na intenção de estabelecer ligações com os conceitos de Acreditar, Mostrar, Saber, Conhecer e Certeza.

1.3.1 - Certeza

Da Certeza tem como título original "*Über Gewissheit*", mas *Gewissheit*¹⁸ (certeza) não foi o único termo utilizado por Wittgenstein, ele também utilizou o termo *Sicherheit*¹⁹ (segurança, garantia, confiança). Este fato foi apontado por Moyal-Sharrock²⁰. À primeira vista, poder-se-ia considerar *gewissheit* e *sicherheit* como sinônimos, porém, a intenção de demonstrar tais termos, bem como apontar outras expressões presentes na obra, tem um objetivo maior e será tratado aqui,

¹⁸ Cf. parágrafos 30, 115, 174, 423 e 497.

¹⁹ Cf. parágrafos 77, 233, 308, 337, 357, 358, 404, 425, 446, 511, 524, 617.

²⁰ Cf. MOYAL-SHARROCK, D., *Understanding Wittgenstein's On Certainty*. New York: Palgrave, 2004, p. 4.

entretanto é necessário verificar como ficou retratado este fato na edição portuguesa, visto que o estudo mencionado s e deu na língua inglesa e que poderia comprometer o estudo ora apresentado.

I - Gewissheit

Partindo do princípio de que a palavra *Gewissheit* apresenta o radical "*wiss*" e que este radical é o mesmo encontrado nas palavras "*Wissen*" (saber, conhecimento), "*Wissenschaft*" (ciência) e "*Gewissen*" (consciência), teria Wittgenstein utilizado *Gewissheit* com a intenção de expressar essas significações?

A palavra *gewissheit* aparece pela primeira vez no parágrafo 30, e para expressar "estado de certeza". Wittgenstein afirma que "a certeza é por assim dizer um tom de voz em que alguém declara como são as coisas", ou seja, "as pessoas não inferem como são as coisas a partir da sua certeza individual" elas precisam estar apoiadas em certezas já estabelecidas e comprovadas, pela ciência, por exemplo²¹. Mas, apesar desta necessidade de apoio, as pessoas atuam com certeza própria a partir de suas próprias convicções²².

Se se considera a certeza como a ausência da dúvida, o mesmo não se pode dizer da dúvida com relação à certeza, pois o "próprio jogo da dúvida pressupõe a certeza"²³. No parágrafo 497 Wittgenstein faz alusão a isso quando diz:

²¹ Cf. parágrafo 30.

²² "Atuo com inteira certeza. Mas essa certeza é minha." (Parágrafo 174)

²³ Parágrafo 115.

Se alguém quisesse incutir-me dúvidas e falasse assim: "Neste ponto a sua memória está a enganá-lo, naquele ponto você foi iludido, no outro você não aprofundou convenientemente as suas verificações, etc.", e se eu não ficasse abalado, mas antes mantivesse as minhas certezas, o meu procedimento não poderia estar errado, quanto mais não fosse porque é justamente isso que define um jogo.

Mas, se o jogo de linguagem da dúvida é permeado pela certeza, poderia se fazer a mesma relação com o erro? O jogo de linguagem do erro é também permeado pela certeza? Se no jogo da dúvida "quem tentasse de tudo, não iria tão longe como se duvidasse de qualquer coisa"²⁴, o quão longe iria quem estivesse praticando o jogo do erro?

Wittgenstein afirma que "com a palavra 'certa' exprimimos convicção completa, ausência de qualquer dúvida, e a partir daí tentamos convencer as outras pessoas"²⁵. Tal afirmação trata da certeza subjetiva, mas "quando é que qualquer coisa é objetivamente certa? Quando não é possível um erro. Mas que espécie de possibilidade é essa? Não deve o erro ser logicamente excluído?"²⁶ Em outras palavras, o jogo de linguagem do erro não está permeado de certeza, ele é um jogo de linguagem de certeza, pois uma pessoa pode pensar que não está praticando o jogo de linguagem do erro, pode estar convicta de que está a praticar o jogo de linguagem da certeza, diferentemente do jogo da dúvida. Só se atinge o estado de certeza com a exclusão da dúvida. Errar não é duvidar, mas pode ser uma espécie de certeza.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Parágrafo 194.

²⁶ Ibidem.

II - Sicherheit

Para a análise do emprego do termo *Sicherheit* adotar-se-á o mesmo critério da análise de *Gewissheit*. *Sicherheit* tem como radical "*sicher*" (seguro, certo, garantido; confiável), o mesmo encontrado em "*Sichersein*" (ato de estar: seguro; certo; garantido), "*Sichern*" (assegurar) e em outras palavras que remetem a idéia de segurança, garantia e confiança, tais como: "*Zusicherung*" e "*Versicherung*".

Wittgenstein inicia o parágrafo 77 com o seguinte comentário: "Talvez [se] deva repetir uma multiplicação para verificar o resultado ou arranjar outra pessoa que o faça". De fato, quantas vezes é necessário repetir um cálculo para verificar sua exatidão? "Deverei repeti-la vinte vezes ou arranjar vinte pessoas que a verifiquem?"²⁷ Mas, "seria a certeza realmente maior pelo fato de ser verificada vinte vezes?"²⁸ Como se infere um grau de certeza?

Quando se está no âmbito das ciências exatas, em se tratando de cálculos, a certeza dos resultados são comprovadas pela verificação, ou pode-se constatar a sua exatidão com as máquinas de calcular. Em contrapartida, no cotidiano, nas atividades aparentemente desprovidas de garantias científicas, como se constrói a idéia de certeza? Wittgenstein exemplifica esta situação no parágrafo 233: "Se uma criança me perguntasse se a Terra estava aqui antes do meu nascimento, responder-lhe-ia que a Terra não começara com o meu nascimento mas que já existia muito, muito antes"²⁹. Ele afirma que a resposta a esse tipo de

²⁷ Parágrafo 77.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Parágrafo 233.

questionamento leva a uma sensação de se estar dizendo algo sem fundamento, mas "ao responder à pergunta teria de estar a transmitir [a idéia de *weltbild*] à pessoa que perguntou"³⁰.

Mas, somente a idéia de *weltbild* dá a garantia da resposta e, se de fato, a pessoa questionada responde com certeza, o que dá esta certeza?³¹ Wittgenstein encara esta certeza "não como aparentada com a precipitação ou superficialidade, mas como uma forma de viver"³². Formas de vida é o tema de discussão do capítulo 2 deste trabalho.

Por outro lado, nas respostas do tipo: "não, eu não sou careca" ou "sim, eu vejo o carro" ou ainda, nas proposições de Moore, constantes em *Comprovação do Mundo Exterior*, como: "esta é a minha mão", "tenho duas mãos", o que se pode acrescentar a essas informações para indicar que elas são de confiança? "Quando muito, que as circunstâncias são as normais"³³. Mas, se está dentro das circunstâncias normais, qual é a garantia de que estas respostas e afirmações estão realmente certas? O que leva uma pessoa estar absolutamente certa quando ela afirma "esta é a minha mão"? "Será que todo o jogo de linguagem não assenta nesta espécie de certeza?" Será que "esta certeza não estará (já) pressuposta no jogo de linguagem?"³⁴ Wittgenstein afirma que "nomeadamente em virtude do fato de que não se está a jogar o jogo, ou se está a jogar mal se

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

³² Parágrafo 358.

³³ Parágrafo 445.

³⁴ Parágrafo 446.

não se reconhecerem os objetos com certeza"³⁵. Embora, Jogos de linguagem não seja um conceito chave em *Da Certeza*, o termo aparece com bastante frequência na obra e será objeto de discussão do capítulo 2 do trabalho ora apresentado.

III - Gewissheit X Sicherheit

A partir do exposto nos tópicos anteriores acredita-se que Wittgenstein tenha utilizado com conotações diferentes as duas palavras, a primeira delas está associada a estado de certeza, supõe e provém de experiência de saber; de conhecimento, enquanto que a segunda remete à idéia de estar seguro de alguma coisa, ter convicção sobre algo e até mesmo acreditar em alguém ou alguma coisa.

Em *Da Certeza*, Wittgenstein utilizou com maior frequência os sentidos e significações de Sicherheit. Nem poderia de ser diferente, já que se trata do autor que elaborou o conceito de jogos de linguagem e defendeu a concepção de formas de vida. Moyal-Sharrock³⁶, em virtude disso, defende que Wittgenstein rejeitou "conhecer" em favor de "acreditar" e aponta outras expressões que remetem mais a Sicherheit do que a Gewissheit utilizadas por ele, tais como: Bestimmtheit – total certeza (parágrafo 425); Versicherung – garantia (parágrafo 620); Überzeugung – convicção (parágrafos 86 e 194); das Sichersein – estar

³⁵ Ibidem.

³⁶ Cf. MOYAL-SHARROCK, D., *Understanding Wittgenstein's On Certainty*. New York: Palgrave, 2004, p. 13.

seguro (parágrafo 308); Unbedingt vertrauen – incondicional (parágrafo 425); Ich bin sicher – estar certo (parágrafo 8) e Glaube – convicção (parágrafo 253) – crer (parágrafo 337)³⁷.

1.3.2 - Saber

Wissen (Saber) é o termo mais utilizado por Wittgenstein nos trinta primeiros parágrafos³⁸ de *Da Certeza*, nesta seção o verbo aparece no infinitivo e conjugado no presente e no pretérito. No restante do texto está quase sempre conjugado no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular. O conceito de saber começa a ser desenvolvido a partir da proposição constante no livro *Comprovação do Mundo Exterior* de G. E. Moore, estudo em que o autor "tem a pretensão de saber um certo número de proposições indiscutíveis"³⁹. O conceito de saber é explorado mais no sentido de comprovação e de constatação do que no sentido de aquisição de saber e, quase sempre, o termo "wissen" está associado, direta ou indiretamente, à proposição de G. E. Moore, pois nestes dois artigos, segundo Wittgenstein, "o conceito de 'saber' é análogo aos conceitos 'crer', 'supor', 'duvidar', 'estar convencido', pelo fato de a declaração 'Eu sei...' não poder ser um erro"⁴⁰. Porém, Wittgenstein utiliza também este verbo para expressar conhecimento e aprendizagem. Para esse estudo estas conotações foram separadas em duas seções: a primeira, intitulada "Saber", apresenta as

³⁷ As traduções das expressões são as da edição portuguesa de *Da Certeza*, tradução de M. E. Costa e revisão de A. Fidalgo. Edições 70 - Lisboa - Portugal.

³⁸ Dos 30 primeiros parágrafos o termo "Wissen" é encontrado em pelo menos 20 deles.

³⁹ ANSCOMBE, G.E.M. e VON WRIGHT, G. H., Prefácio de *Da Certeza*.

⁴⁰ Parágrafo 21.

convicções de certeza e a segunda, intitulada "Conhecimento", as idéias de conhecimento e aprendizagem.

Se faz, realmente, necessário dizer que se sabe algo que está óbvio? Não seria redundante dizer que se sabe que está vendo alguma coisa? Na linguagem ordinária, algumas observações parecem ser supérfluas, ainda que sejam verdadeiras, mas quando se está a filosofar certas proposições são necessárias. Existe uma "diferença entre a observação casual 'eu sei que aquilo é...'", tal como é feita na vida normal, e a mesma declaração quando é feita por um filósofo"⁴¹. Wittgenstein exemplifica essa situação no parágrafo 467: "Estou sentado com um Filósofo no jardim; ele diz repetidamente 'Eu sei que aquilo é uma árvore', apontando para uma árvore próxima de nós. Outra pessoa chega e ouve isto e eu digo-lhe: 'este tipo não é doido. Estamos a filosofar'"⁴²

Ainda, com esta conotação, no parágrafo 407, Wittgenstein comenta: "Porque, quando Moore diz 'Eu sei que aquilo é...'", eu gostaria de responder 'você não sabe nada!' e, contudo, não diria isso a uma pessoa que estivesse a falar sem intenções filosóficas". Ou seja, parte-se do princípio de "que estes indivíduos pretendem dizer coisas diferentes"⁴³. Mas, porque que a mesma observação provoca reações diferentes no interlocutor, quando pronunciadas por pessoas distintas? E, nestes diferentes jogos de linguagem praticados já estão implícitas as regras das reações? Na realidade, trata-se de diferentes jogos de linguagem, embora envolvendo a mesma situação. As regras desses jogos são permeadas

⁴¹ Parágrafo 406.

⁴² Parágrafo 467.

⁴³ Parágrafo 407.

pelo saber, caso contrário esse saber não teria valor se não "servisse como fio condutor da ação"⁴⁴, pois o "saber forma um sistema" e é "só no interior deste sistema é que o singular tem o valor que lhe"⁴⁵ é atribuído.

O termo saber é utilizado por Wittgenstein em uma perspectiva de estado de certeza e de convicção, ou seja, saber é tratado como garantia e não como construção de conhecimento. Porém, Wittgenstein afirma que "saber e certeza pertencem a diferentes categorias. Não são dois estados mentais como, por exemplo, supor e estar seguro"⁴⁶, pois o que, de fato, interessa "não é estar seguro mas saber"⁴⁷. Ou seja, acerca de proposições empíricas não deve existir dúvidas, pois a construção do saber sobre elas depende diretamente da noção de *Weltbild* que as pessoas têm; pois elas sabem com a mesma certeza em que acreditam nas proposições matemáticas, "como se pronunciam as letras A e B, como se chama a cor do sangue humano, que outros seres humanos têm sangue e chamam a isso sangue"⁴⁸. Em outras palavras, dizer que se sabe "exprime uma certeza instalada, não uma certeza que ainda está lutando"⁴⁹ e esta certeza não é superficial, mas uma forma de viver⁵⁰.

⁴⁴ Parágrafo 409.

⁴⁵ Parágrafo 410.

⁴⁶ Parágrafo 308.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ Parágrafo 340.

⁴⁹ Parágrafo 357.

⁵⁰ Parágrafo 358.

1.3.3 - Conhecimento

Na linguagem ordinária, e mesmo na formal, certas palavras exercem um certo fascínio nas pessoas, a palavra "saber" é uma delas⁵¹. Existe uma certa tendência de utilizá-la em contextos onde soaria melhor, por exemplo, a palavra conhecer ou aprender; Wittgenstein não ficou imune a este encanto e pelo que parece ele também foi enfeitiçado por essa palavra.

Comentando sobre aprendizagem, Wittgenstein afirma que: "as crianças não aprendem que existem livros, que existem poltronas, aprendem a ir buscar livros, a sentarem-se em poltronas"⁵², ou seja, a aprendizagem parte do concreto para o abstrato e com a linguagem acontece da mesma forma. "Quando uma criança aprende a linguagem, aprende ao mesmo tempo o que deve e o que não deve ser investigado"⁵³. Não aprende a colocar em dúvidas o que lhe é ensinado ou a pesquisar se o que lhe foi ensinado é realmente verdadeiro. "Quando aprende que há um armário no quarto, não lhe ensinam a por em dúvida que aquilo que vê mais tarde ainda seja o armário e não apenas um adereço de cenário"⁵⁴. Pois, "há algo de universal aqui; não apenas algo de pessoal"⁵⁵ e acima de tudo porque, em última instância, o conhecimento está baseado no reconhecimento⁵⁶.

O reconhecimento é fundamental para a solidificação do conhecimento e em se tratando de conhecimentos concretos, de objetos que fazem parte do cotidiano

⁵¹ Parágrafo 435.

⁵² Parágrafo 476.

⁵³ Parágrafo 472.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Parágrafo 440.

⁵⁶ Parágrafo 378.

das pessoas ou de partes do seu corpo a tendência à solidez é ainda maior.

Wittgenstein exemplifica este fato:

Posso reivindicar com veemência que eu sei que isto (por exemplo) é o meu pé. Mas esta veemência é, afinal, muito rara e não há vestígios dela quando falo do meu pé habitualmente. Digo com veemência "Eu sei que isto é um pé". "Nada no mundo me convencerá do contrário!"⁵⁷

E este fato está no alicerce de todo conhecimento, pode-se desistir de "outras coisas, mas não desta"⁵⁸, pois, é aí que começa a sua solidificação, em outras palavras, para saber qualquer coisa depende de a evidência dar razão ao que se sabe ou então contradizer-lhe⁵⁹.

O verbo saber, no presente do indicativo e conjugado, por exemplo, na primeira pessoa do singular, não forma uma expressão. Dizer que se sabe não é o suficiente, é necessário dizer o quê ou aquilo que se sabe. O jogo de linguagem do saber exige complementos.

1.3.4 - Acreditar

Wittgenstein afirma que aquilo que se sabe, se acredita⁶⁰. Afirma ainda, que só se pode acreditar naquilo que se aprende⁶¹. Portanto, para ele, só se constrói o conceito de acreditar a partir da construção das noções de saber e de aprender.

Mas por que os verbos saber e conhecer, sem complementos, não formam

⁵⁷ Parágrafos 376, 377, 379 e 380.

⁵⁸ Parágrafo 380.

⁵⁹ Cf. parágrafo 504.

⁶⁰ Parágrafo 177.

⁶¹ Parágrafo 171.

expressões? Em um jogo de linguagem, dizer: "Eu sei" ou "Eu aprendi" não é suficiente para que fique caracterizado como sendo "uma jogada", ou seja, como "Eu sei" e "Eu aprendi" não formam expressões, o outro ou os outros participantes do jogo não reconhecem-nas como jogada e aguardam o complemento para que o jogo continue. E porque razões com o verbo acreditar não se sucede o mesmo? Por que "'Eu creio...!' tem verdade subjetiva, mas 'Eu sei...!' não a tem"⁶². Em um jogo de linguagem, dizer: "Eu creio." ou "Eu acredito." forma, pela própria expressão, um sistemas de evidências, pois, estará em poder, do interlocutor aquilo no qual ele acredita e, em princípio, no que se acredita, se acredita inabalavelmente.

Wittgenstein trata como sinônimas as expressões "acreditar" e "estar convencido de" e, para tanto, faz relações com o jogo de linguagem do "não duvidar" com a intenção de afirmar que, em certas situações, duvidar seria insensatez – "o homem sensato não tem certas dúvidas"⁶³. A sensatez faz com que uma pessoa não duvide, por exemplo, de que nunca esteve na estratosfera. Mas, será que o fato de não duvidar a faz saber? E se a faz saber, este fato torna-se verdadeiro?⁶⁴

A relação entre "acreditar" e "duvidar", Wittgenstein deixa explícita no parágrafo 234:

⁶² Parágrafo 179.

⁶³ Parágrafo 220.

⁶⁴ Parágrafo 222.

Acredito que tenho antepassados e que todos os seres humanos os têm. Acredito que há várias cidades e, em termos gerais, nos principais fatos da geografia e da história. Acredito que a Terra é um corpo na superfície do qual nos deslocamos e que não desaparece subitamente tal como qualquer outro corpo sólido: esta mesa, esta casa, esta árvore, etc.. Se pretendesse duvidar da existência da terra muito antes do meu nascimento, teria de duvidar de todas as espécies de coisas que são ponto assente para mim.

A construção do saber leva ao estado de convicção e o "estar convencido de" é, por excelência, acreditar. "Diz-se 'Eu sei...' quando se está pronto a indicar razões soberanas"⁶⁵. Dizer 'Eu sei' está relacionado "com a possibilidade de demonstrar a verdade. É possível mostrar que uma pessoa sabe uma coisa, na condição, porém, de ela estar convencida dessa coisa que sabe"⁶⁶. Porém, "se aquilo em que [se] acredita é de tal natureza que os fundamentos que pode indicar não são mais seguros do que a sua afirmação, então não pode dizer que sabe aquilo em que acredita"⁶⁷.

Construir o saber é investigar e também procurar fundamentos que validem o conhecimento e que levem à convicção: "qualquer pessoa 'sensata' procede assim"⁶⁸, pois "na raiz de uma convicção bem fundamentada encontra-se uma convicção não fundamentada"⁶⁹.

Aquilo em que se acredita depende daquilo que se aprende e a construção da aprendizagem altera gradativamente a noção de *Weltbild* do aprendiz, pois naquilo em que se acredita está diretamente ligado à idéia de *Weltbild* construída

⁶⁵ Parágrafo 243.

⁶⁶ Parágrafo 243.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Parágrafo 254.

⁶⁹ Parágrafo 253.

ao longo da existência de uma pessoa. E como se afirma que uma convicção "pode ligar-se com todo o resto?"⁷⁰ Wittgenstein afirma que alguém que não aceita isso, não aceita também "o sistema total de verificação. Este sistema é adquirido pelo conhecimento através da observação e da instrução"⁷¹.

1.3.5 - Mostrar

Como se pode mostrar para alguém que se sabe verdades, não apenas acerca de dados dos sentidos, mas também sobre coisas? Qual será o ponto de partida se, se quiser mostrar? Bastaria que alguém assegure que sabe o que se pretende mostrar?⁷²

Wittgenstein afirma, no parágrafo 348, que algumas palavras, por exemplo, "Eu estou aqui", por exemplo, só adquirem sentidos em certos contextos. Não faria sentido uma pessoa dizer essas palavras a outra que está sentada diante dela e a vendo claramente – "e isto não porque são supérfluas, mas porque o seu significado não é determinado pela situação, mas necessita de uma determinação dessas", pois as pessoas necessitam mostrar que mesmo que elas nunca usem "as palavras 'Eu sei', a sua conduta indica o que está em questão"⁷³.

Wittgenstein propõe a seguinte suposição, no parágrafo 430, para ilustrar esse fato:

⁷⁰ Parágrafo 279

⁷¹ Ibidem.

⁷² Parágrafo 426.

⁷³ Parágrafo 427.

Encontro alguém proveniente de Marte que me pergunta: "Quantos dedos dos pés têm os seres humanos?" – Digo: "Dez. Vou mostrar-lhe" e tiro os sapatos. Suponha-se que ele se surpreendeu por eu saber com tanta certeza apesar de não ter olhado para os meus pés - deveria eu dizer: "Nós, seres humanos, sabemos quantos dedos dos pés temos, independente de os vermos ou não"?

Mas, que razão se tem para admitir que se tem cinco dedos em cada pé quando não se está a olhar para eles? Wittgenstein questiona se seria correto afirmar "que a razão é que a experiência anterior sempre ensinou assim?" E se a razão for realmente a experiência anterior, isso quer dizer que se está mais certo da experiência anterior do que o fato de se ter cinco dedos em cada pé? A experiência anterior pode ser a causa da certeza de se ter dez dedos nos pés; "mas será o fundamento"? ⁷⁴

Mas, será que a experiência ensina também, que em certas circunstâncias as pessoas sabem determinadas coisas? Wittgenstein responde essa questão no parágrafo 434:

Certamente, a experiência mostra-nos que, normalmente, depois de um certo número de dias um homem consegue orientar-se numa casa em que tem vivido. Ou também: a experiência, ensina-nos que, depois de um certo período de aprendizagem, é possível confiar num juízo emitido por um homem.

Mostrar o que se sabe acontece de duas formas: ou se mostra o que se sabe de forma concreta, apontando para o fato ou coisa que se quer mostrar que sabe, ou pode-se mostrar o que sabe por meio de fundamentação, ou seja, se comprova o

⁷⁴ Cf. parágrafo 429.

que se sabe, pois "a declaração 'Eu sei...' só pode ter significado em ligação com a restante evidência do 'saber'"⁷⁵.

No jogo de linguagem do mostrar, mostrar o que se sabe está mais ligado a idéia de *Weltbild* dos outros participantes deste jogo do que daquele que pretende mostrar o que sabe, porque mostrar exige, pelo menos em partes, o reconhecimento do fato ou da coisa por todos os participantes do jogo. Caso contrário, o jogo de linguagem não fica estabelecido.

⁷⁵ Parágrafo 432.

Capítulo II

1 - Regras

A questão das regras aparece na filosofia de Wittgenstein em decorrência dos "jogos de linguagem" proposto por ele. Seguir, propor, estabelecer e falar em regras é essencialmente natural e até mesmo intencional quando se fala em "jogos", já que todo jogo, de uma forma ou de outra, está associado a regras.

Se a questão de seguir regras está associada aos jogos de linguagem, os jogos de linguagem, por sua vez, foram propostos por Wittgenstein quando discutiu sobre o significado e, obviamente, como uma forma de rechaçar a teoria denotativa do significado adotada por ele no *Tractatus Logico-Philosophicus*. Mas, o que o "Segundo Wittgenstein" entende como significado, já que rejeita o que foi proposto pelo, como ele mesmo disse, autor do *Tractatus*? E no que consistem os jogos de linguagem?

1.1 Significado

Wittgenstein inicia *Investigações Filosóficas* citando as *Confissões* de Santo Agostinho e afirma que a citação expressa "uma determinada imagem da essência da linguagem humana, a saber: as palavras da linguagem denominam

objetos – as sentenças são liames de tais denominações"⁷⁶. Afirma, também, que essa imagem da linguagem expressa a idéia de que "toda palavra tem um significado. Este significado é atribuído à palavra. Ele é o objeto que a palavra designa."⁷⁷

Embora esse conceito de significado não seja o que Wittgenstein pretenda apresentar em *Investigações Filosóficas*, ele o usa para demonstrar o equívoco cometido não só por Santo Agostinho, mas por ele também.

Se o conceito de significado de uma palavra, para o "Primeiro Wittgenstein", era o objeto que ela denota, a idéia defendida pelo "Segundo" é a de que o significado das palavras é a utilização delas nas várias ocasiões e situações que constituem a linguagem, ou, com as palavras do próprio Wittgenstein: "Para uma grande classe de casos – mesmo que não para todos – de utilização da palavra "significado", pode-se explicar esta palavra do seguinte modo: O significado de uma palavra é o seu uso na linguagem"⁷⁸.

Com a expressão "significado é uso", Wittgenstein, na realidade, rejeita a visão empirista de que o significado está fundamentado na experiência sensorial e esta expressão tampouco é para ele uma definição de significado. Segundo Zilles ele "transforma a pergunta 'o que é significado?' para 'que é uma explicação de

⁷⁶ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo 1.

⁷⁷ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo 1.

⁷⁸ *Ibidem*, op. cit. parágrafo 43.

significado?", Wittgenstein "sugere que não se pergunte pelo significado, mas pelo uso", pois "este pode ser entendido em seu contexto lingüístico e social".⁷⁹

Ainda com respeito a uso do significado, Grayling afirma:

Com efeito, não há nada de sacrossanto a respeito do termo "uso" em si; além disso, Wittgenstein fala das funções de palavras e sentenças (§§ 11, 17, 274, 556, 559), de seus objetivos e propósitos (por exemplo, § 5, 6, 8, 348), de seus ofícios (§ 402) e de seus papéis e empregos (por exemplo, § 66 ss.), pretendendo capturar com essas diferentes expressões uma noção geral da parte que cabe às expressões na linguagem.⁸⁰

Pode-se constatar que a idéia central é a de que dominar uma língua "consiste em ser capaz de empregar suas expressões nos muitos jogos de linguagem diferentes a que elas pertencem"⁸¹.

Wittgenstein, no parágrafo 199, afirma que "compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica".⁸² Isso quer dizer que compreender é saber como fazer algo; no caso específico da linguagem, entender uma linguagem significa saber como usá-la. Desta forma fica estabelecida a íntima conexão pretendida por Wittgenstein entre compreensão, significado e uso.

⁷⁹ ZILLES, U. **O racional e o místico em Wittgenstein**, 3ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

⁸⁰ GRAYLING, A. C., **Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 98.

⁸¹ *Ibidem* op. cit.

⁸² WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo 199.

1.2 Jogos de Linguagem

É quase que impossível desassociar a filosofia do segundo Wittgenstein de jogos de linguagem. Sem dúvida, esse é o tema central da obra mais conhecida dessa segunda fase, o qual foi finalizada em 1949. Porém, a comparação entre linguagem e jogos, já vinha sendo feita a partir da escrita de *Gramática Filosófica* (1932-33). É possível, ainda, verificar exemplos de jogos de linguagem nos *Cadernos Azul e Marrom* (1933-35) e em *Zettel* (1945-48); e esteve presente também, embora de forma não tão evidente, na sua última obra *Da Certeza*⁸³.

Jogo de linguagem começa a ser abordado por Wittgenstein em *Investigações Filosóficas* a partir do sétimo parágrafo; em um dos parágrafos anteriores ele propõe um exemplo de prática do uso de linguagem envolvendo um construtor e seu ajudante. Na prática do uso da linguagem proposta em que uma das partes grita as palavras e o interlocutor vai agindo de acordo com elas, poderia-se imaginar também que todo o processo envolvido no uso das palavras no exemplo proposto "seja um dos jogos por meio das quais as crianças aprendem sua língua materna"⁸⁴. Com estas palavras Wittgenstein apresenta a sua primeira explicação do que ele pretende que se entenda por jogos de linguagem em *Investigações Filosóficas*:

⁸³ Cf BLACK, M. Wittgenstein's Language-games, in SHANKER, S., **Ludwig Wittgenstein: Critical Assessments**. London: Routledge, 1997, pp. 58 - 73.

⁸⁴ WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004. Parágrafo 7.

Quero chamar esses jogos de "jogos de linguagem", e falar de uma linguagem primitiva às vezes como de um jogo de linguagem.

E poder-se-ia chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e de repetição da palavra pronunciada. Pense em certo uso que se faz das palavras em brincadeiras de roda.

Chamarei de "jogo de linguagem" também a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada.⁸⁵

Wittgenstein está preocupado com a essência da linguagem e a maneira como ela funciona é, sustenta o filósofo, "algo que já está abertamente manifesto e que se torna visível em seu conjunto mediante organização"⁸⁶, e o que se encontra aberto à vista é o fato de a linguagem não ser uma coisa uniforme e sim uma série de diferentes atividades. Usa-se a linguagem para descrever, dar e seguir ordens, relatar, informar, afirmar, fazer suposições, negar, especular, fazer perguntas, dar respostas, contar histórias, cantar, adivinhar charadas, solucionar problemas, traduzir, pedir, agradecer, cumprimentar, amaldiçoar, rezar, avisar, recordar, expressar emoções, e muitas coisas além disso⁸⁷. Wittgenstein diz que todas essas atividades podem ser chamadas de jogos de linguagem, portanto, jogos de linguagem referem-se a todas e quaisquer atividades que os seres humanos se envolvem, ou seja, "a expressão 'jogo de linguagem' deve salientar, aqui, que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida"⁸⁸. Forma de vida será tratada no segundo item deste capítulo.

⁸⁵ Ibidem, op. cit.

⁸⁶ Ibidem, op. cit. parágrafo 92.

⁸⁷ Cf. WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004. Parágrafo 23 e outros exemplos nos parágrafos 27, 180, 288 e 654.

⁸⁸ Ibidem, op. cit. parágrafo 23.

Na visão wittgensteiniana, nos distintos, diversos e diferentes⁸⁹ jogos de linguagem a que as pessoas estão submetidas constantemente, elas realizam jogadas 'movimentando-utilizando' 'peças-palavras', que vão assumindo significados e dando sentido ao jogo. Afinal, compreender uma linguagem nada mais é do que entender como ela funciona e para entender o funcionamento da linguagem basta saber jogar o jogo da linguagem e a única forma de aprender a jogar este jogo é jogando o jogo, ou seja, praticando. Se, como disse Wittgenstein, "compreender uma frase significa compreender uma língua" e "compreender uma língua significa dominar uma técnica"⁹⁰, então somente na prática do jogo é que se é possível dominar suas técnicas e compreender suas regras bem como suas utilizações, significados e importâncias.

I - Discutindo as regras.

Partindo do princípio de que praticando os jogos de linguagem é possível dominar suas técnicas e compreender suas regras: Quem estabelece as regras? As regras são pré-estabelecidas antes do início do jogo? As regras vão sendo estabelecidas durante o jogo? As regras podem ser alteradas depois de iniciado o jogo? Os distintos jogos têm regras específicas? Existem regras comuns aos diversos e diferentes jogos? Já que se trata de jogos que envolvem a linguagem, as regras estão na gramática da língua jogada?

⁸⁹ Apesar da aparente redundância, as palavras: distintos, diversos e diferentes, foram usadas aqui com significações próprias. Distintos, no sentido de que cada jogo tem suas próprias características; Diversos, no sentido de que cada jogo é único e a cada vez que é jogado assume características inerentes à situação; Diferentes porque o jogo passa a ser "outro" quando é jogado com outro parceiro.

⁹⁰ WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo 199.

Depois de um breve tempo afastado da filosofia, Wittgenstein retoma seus estudos no início dos anos 30 e a partir daí ele começa a utilizar o termo "gramática" com a intenção de designar as regras que explícita ou implicitamente condicionam um discurso significativo. O sentido do termo utilizado não é o mesmo do convencionalmente estabelecido, ou seja, não é o estudo sistemático dos elementos constitutivos de uma língua. A "gramática" proposta por Wittgenstein está mais próxima da semântica do que da sintaxe de uma linguagem. "Por 'gramática', ele entendia, não apenas a sintaxe, mas todas as regras que governam o uso das palavras, inclusive aquelas que fixam seus significados"⁹¹, ou seja, respeitar a gramática de uma língua não significa necessariamente não estar infringindo as regras da "gramática". (Doravante utilizar-se-á o termo gramática entre aspas, simples ou duplas, sempre que este texto estiver se referindo à forma que Wittgenstein utiliza e para a devida distinção da utilização do termo da forma convencional.)

Segundo Wittgenstein, compreender a "gramática" dominando uma técnica ou uma prática, está associado à noção de seguir regras, ou seja, a "idéia aqui é que a prática em que consiste a compreensão do significado de expressões é observar as regras para seu uso nos diferentes usos da linguagem a que eles pertencem"⁹². As regras a que o filósofo se refere não estão relacionadas com idéia de cálculo, como a apresentada no *Tractatus*. Naquela ocasião, quando descreveu o caráter normativo da linguagem, Wittgenstein encarava-a como um sistema estruturado e com regras previamente definidas – a aplicação correta das

⁹¹ HACKER, P. M. S., **Wittgenstein**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 21.

⁹² GRAYLING, A. C., **Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 102.

regras definiam seu resultado, tal como na lógica. No tocante à linguagem, o resultado tinha a ver com o significado; expressões sem significação estavam ligadas à não-aplicação correta das regras. A impossibilidade de aplicação das regras determinava idéias que não poderiam ser expressadas. Nas *Investigações*, Wittgenstein rejeita a aproximação com cálculos e substitui essa idéia pela de jogo de linguagem: se antes havia "um cálculo único, estritamente uniforme, subjacente à linguagem como um todo [agora] há muitos jogos de linguagem diferentes cujas 'gramáticas' – as regras de uso – estão abertas a inspeção"⁹³.

Se se considerar que as regras estão abertas a inspeção, deve-se considerar também uma arbitrariedade da "gramática"? Wittgenstein afirma constantemente que as regras da "gramática" "não estão fundadas em nenhuma realidade; em suma, que elas são perfeitamente arbitrárias"⁹⁴. Na concepção wittgensteiniana, para afirmar que as regras da "gramática" são arbitrárias, deve-se levar em conta dois significados para tal afirmação. A primeira significação seria a de que os interlocutores escolhem, sem nenhuma razão aparente e livremente, uma tal regra em detrimento de outras. Isso quer dizer que os participantes do jogo de linguagem poderiam ter adotado outras ou quaisquer regras levando em consideração apenas caprichos próprios e, nessa perspectiva, os jogadores poderiam ainda, a qualquer momento, mudar as regras que escolheram e, inclusive, mudar as regras da "gramática" de um jogo – tudo pela compreensão e entendimento do jogo que está sendo jogado.

⁹³ Ibidem, op. cit. p. 102 e 103 (aspas simples inserida pelo autor desta dissertação)

⁹⁴ SCHMITZ, F. **Wittgenstein**, São Paulo: Estação Liberdade, 2004. P. 155.

O outro significado para a afirmação de que as regras da "gramática" são arbitrárias é mais simples, porém mais instigante. Pode significar simplesmente que não se pode "justificá-la, sem que disso decorra imediatamente que ela pode ser modificada à vontade. No caso das regras da "gramática", isso significa, da mesma maneira, que, no final das contas, elas estão desprovidas de fundamento"⁹⁵, pois, como afirma Wittgenstein, "a 'gramática' não é responsável por nenhuma realidade. São as regras 'gramaticais' que determinam o significado (que o constituem) e, portanto, elas próprias não são responsáveis por qualquer significado e, nessa medida, são arbitrárias"⁹⁶.

Wittgensteinianamente falando, aprender a formar sentenças gramaticais não é o suficiente para aprender uma linguagem, pois aprender uma língua e a se comunicar em uma sociedade é antes de tudo estar de acordo com os outros membros desta sociedade sobre alguns "julgamentos que não serão postos em questão. Nesse sentido, Wittgenstein acaba por insistir no fato de que falar é uma maneira de agir no contexto de uma 'forma de vida' comum a uma coletividade"⁹⁷. E se isso quer dizer que os membros de uma sociedade seguem as mesmas regras, a justificação disso "é o fato de que se trata de regras comuns"⁹⁸ e que a coletividade as reconhece como tais. Este fato é o embasamento da possibilidade da vida em comum e por esta razão os membros de uma sociedade podem compartilhar uma mesma linguagem, ficando estabelecida, assim, uma

⁹⁵ SCHMITZ, F. **Wittgenstein**, São Paulo: Estação Liberdade, 2004. P. 155.

⁹⁶ WITTGENSTEIN, L. **Gramática Filosófica**, São Paulo: Edições Loyola, 2003, parágrafo 133. (aspa simples inserida pelo autor desta dissertação)

⁹⁷ SCHMITZ, F. **Wittgenstein**, São Paulo: Estação Liberdade, 2004. P. 163.

⁹⁸ *Ibidem*, op. cit.

comunidade lingüística, ou seja, os homens se põe de acordo quanto à sua linguagem: "Isto não é uma concordância de opiniões mas da forma de vida"⁹⁹.

2 - Formas de vida

Segundo Wittgenstein "falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida" e "representar uma linguagem equivale a representar uma forma de vida"¹⁰⁰ com "forma de vida" ele se refere tanto aos consensos lingüístico como não-lingüístico. Dentre esses consensos a referência são aos de: práticas, comportamento, assunções, tradições e propensões inerentes aos humanos, que por serem seres sociais compartilham entre si. Além disso estão pressupostos na linguagem que usam. Por sua vez, a linguagem usada pelos homens "está entrelaçada nesse padrão de atividade e caráter humanos, e o significado é atribuído a suas expressões pela perspectiva compartilhada e pela natureza de seus usuários"¹⁰¹.

Uma forma de vida consiste justamente na concordância em repostas lingüísticas, ou seja, os membros de uma comunidade se põem de comum acordo tanto com relação às definições como quanto aos juízos, e dessa forma, também quanto ao comportamento lingüístico¹⁰². Isso confere o caráter não privado de uma língua,

⁹⁹ WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004, parágrafo 241.

¹⁰⁰ WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004, parágrafos 23 e 19 respectivamente.

¹⁰¹ Cf. GRAYLING, A. C., **Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 110.

¹⁰² Cf. WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004, parágrafo 242.

pois as práticas do uso da linguagem é, justamente, a forma de vida na qual essa linguagem está entrelaçada.

Wittgenstein insistiu no caráter essencialmente público da linguagem. Em sua visão é inadmissível uma linguagem inventada, praticada e inteligível por um único indivíduo, pois a linguagem existe, entre outras razões, para a comunicação entre os homens de uma comunidade. Embora, Wittgenstein tenha dedicado vários parágrafos de *Investigações Filosóficas* a uma "linguagem individual", não era a uma "linguagem privada" que ele estava se referindo, mas sim, ao que ele chamou de "expressões psicológicas". Os seres humanos fazem uso das expressões psicológicas para expressarem sentimentos, intenções e sensações próprias.

Com relação ao uso da linguagem na expressão de sensações individuais, Wittgenstein questiona e responde que apesar de se tratar de vivências ímpares de um sujeito e da aparente dificuldade de expressá-las em palavras, a linguagem usada ainda é a mesma que a comunidade, da qual o indivíduo faz parte, utiliza.

O que acontece então com a linguagem que descreve minhas vivências interiores e que só eu mesmo posso entender? Como designo minhas sensações com palavras? – Como de costume? As palavras das minhas sensações se acham ligadas, portanto, às expressões naturais das minhas sensações? – Neste caso, minha linguagem não é 'privada'. Uma outra pessoa seria capaz de compreendê-la como eu. – E se eu não tiver expressões naturais da sensação mas somente a sensação? Eu associo então, simplesmente, nomes às sensações e emprego estes nomes numa descrição¹⁰³.

¹⁰³ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004, parágrafo 256.

A idéia de uma linguagem privada está envolvida na concepção-padrão de dificuldade de se ter na linguagem expressões referentes as próprias dores, humores, intenções, sentimentos etc., visto que são privados e que ninguém mais tem acesso a tais estados a não ser os seus possuidores.

Contra a concepção de uma linguagem privada, Wittgenstein aponta algumas razões. Uma delas é o fato de que, para ele, compreender uma linguagem é ser capaz de seguir regras para seu uso e seguir regras é uma prática, enquanto que, "acreditar seguir a regra não é: seguir a regra. E por isso não se pode seguir a regra '*privatim*', porque, do contrário, acreditar seguir a regra seria o mesmo que seguir a regra"¹⁰⁴. E uma outra razão é que, como já dito no início desta sessão, falar uma língua é participar de uma forma de vida e o compartilhamento de formas de vida consiste em ser treinado para compartilhá-las. Tal treinamento só pode acontecer de forma pública, do contrário, não seria compartilhar uma forma de vida. É, justamente o treino no compartilhamento da forma de vida que confere significado à linguagem.

A forma de vida é a estrutura de referência em que se aprende a trabalhar quando treinado na linguagem de uma comunidade. E "aprender essa linguagem é aprender a perspectiva, as assunções e práticas com as quais essa linguagem está inseparavelmente vinculada e das quais suas expressões obtêm significado"¹⁰⁵.

¹⁰⁴ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004, parágrafo 202.

¹⁰⁵ GRAYLING, A. C., *Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 111.

O conceito "forma de vida" é fundamental na filosofia do segundo Wittgenstein, não só por ser um dos fatores que conferem significado à linguagem, mas também porque é a essa "noção que ele recorre sempre que sua investigação atinge um ponto em que outros filósofos seriam tentados a começar a procurar justificações mais profundas e fundamentais para os conceitos postos em ação"¹⁰⁶, tanto no pensamento como na fala dos homens, pois o que justifica o uso de conceitos corporificados no pensamento e na fala é a forma de vida subjacentes a eles.

¹⁰⁶ Ibidem, op. cit. p. 110.

Capítulo III

Sobre seguir regras

As regras talvez sejam o ponto de maior discordância entre os estudiosos da filosofia wittgensteiniana. Pode-se distinguir dois grupos distintos: de acordo com a primeira interpretação a capacidade de seguir regras só poderia ser observada se fosse possível um isolamento de uma pessoa do restante da humanidade; a segunda interpretação defende que tal isolamento não se faz necessário.¹⁰⁷

Segundo Malcolm,¹⁰⁸ essa divisão em dois grupos, aconteceu desde a primeira publicação de *Investigações Filosóficas*, em 1953. Mais de meio século depois do lançamento do livro, acredita-se que estas divergências ainda estão latentes. Para este estudo optou-se por não tomar como ponto de partida nenhum desses grupos, pois esta pesquisa tem a intenção de apontar as idéias do próprio Wittgenstein constantes no referido livro e, para tanto, serão emitidas, em alguns pontos, opiniões próprias e, quando possível, procurando respaldo e fundamentações em autores diferentes, sem a preocupação de estabelecer a que grupo pertencem, visto que o trabalho, ora apresentado, tem como objetivo maior perceber a existência, ou não, de mudanças significativas no pensamento filosófico wittgensteiniano de *Investigações Filosóficas* para *Da Certeza*, no que tange à regras e ou seguir regras.

¹⁰⁷ Cf. MALCOLM, N. Wittgenstein on Language and Rules, in **Wittgensteinian Themes: Essays 1978-1989**. Edited by Georg Henrik von Wright. Ithaca: Cornell University, 1995, p. 145.

¹⁰⁸ Ibidem, op. cit.

E se há discordâncias entre o conceito de regras e a noção de seguir regras pelos comentadores de Wittgenstein, existe também divergências quanto aos parágrafos que tratam do assunto no livro *Investigações Filosóficas*. J. Genova propõe uma espécie de sumário para localização dos assuntos tratados no referido livro, no seu artigo intitulado *A map of the Philosophical Investigations*¹⁰⁹ afirma que Wittgenstein trata de regras nos parágrafos de 185 a 242. Já P. A. Boghossian em artigo de 1989: *The Rule-Following Considerations*¹¹⁰ defende que o assunto está tratado nos parágrafos de 138 a 242 e na sessão VI de *Remarks on the Foundations of Mathematics*. Por sua vez, A. C. Grayling¹¹¹, no livro: *Wittgenstein*, sustenta que a discussão sobre seguir regras ocorre primordialmente nos parágrafos 143 a 242. Existem, ainda, outras divergências, mas as que foram apresentadas são suficientes para retratar o quão discutido foi e continua sendo as regras as quais Wittgenstein apontou em sua filosofia da linguagem. Mas, uma coisa é comum entre os comentadores, quanto à localização do tema na referida obra: o ponto culminante é o parágrafo 242 – tanto é, que dois dos mais relevantes comentadores da obra wittgensteiniana, G. P. Baker e P. M. S. Hacker, dedicaram em uma série de três volumes, dois exclusivamente sobre o parágrafo 242¹¹².

Seguir regras é um tema da obra de Wittgenstein que causou bastante polêmica, foram muitos os comentadores da filosofia wittgensteiniana que se dedicaram ao estudo desse assunto e conseqüentemente estes estudos também suscitaram

¹⁰⁹ GENOVA, J., A map of the Philosophical Investigations, in SHANKER, S., **Ludwig Wittgenstein: Critical Assessments**. London: Routledge, 1997, pp. 58 - 73.

¹¹⁰ BORGHOSIAN, P. A., The Rule-Following Considerations, in MILLER A. e WRIGHT C., **Rule-Following and Meaning**. Ithaca: McGill-Queen's University Press Montreal & Kingston, 2002, pp. 141-187.

¹¹¹ GRAYLING, A. C., **Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

¹¹² Cf. MALCOLM, N. Wittgenstein on Language and Rules, in **Wittgensteinian Themes: Essays 1978-1989**. Edited by Georg Henrik von Wright. Ithaca: Cornell University, 1995, p. 145.

outros. Dentre estes autores encontra-se Saul Kripke, em seu livro *Wittgenstein: On Rules and Private Language*¹¹³, parece reconstruir o debate sobre o significado e a importância da discussão de Wittgenstein sobre seguir regras e afirma que no parágrafo 202 de *Investigações Filosóficas* existe um "dilema cético":

Por isso, "seguir a regra" é uma prática. E acreditar seguir a regra não é: seguir a regra. E por isso não se pode seguir a regra 'privatim', porque, do contrário, acreditar seguir a regra seria o mesmo que seguir a regra.¹¹⁴

Com o paradoxo cético, Kripke sugere que para os "problemas céticos" Wittgenstein sugere "soluções céticas". Na interpretação de Kripke pode-se perceber dois pontos fundamentais: por um lado, ele afirma que Wittgenstein desencadeia um poderoso ataque cético na noção de seguir regra, e por outro ele incentiva uma posição anti-realista com relação ao conceito.

Apesar de ter afirmado que Wittgenstein resolve problemas céticos com soluções céticas, Kripke considerou também que o filósofo nunca se declarou e nem tampouco aceitaria o rótulo de cético, o comentador considera que Wittgenstein tenha inventado uma nova forma de ceticismo, e que o problema cético encontrado em *Investigações filosóficas* talvez seja o mais radical e também o mais original encontrada na história da filosofia.¹¹⁵

A compreensão do conceito de seguir regras está, quase sempre atrelado à interpretação cética, mas o que de fato suscita esta ligação?

¹¹³ KRIPKE, S. *Wittgenstein on Rules and Private Language*. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

¹¹⁴ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2004. Parágrafo 202.

¹¹⁵ Cf. SHANKER, S. G. Sceptical Confusions About Rule-Following, in SHANKER, S. *Ludwig Wittgenstein: Critical Assessments*. London: Routledge, 1997, p. 176.

No parágrafo 143 de *Investigações Filosóficas* Wittgenstein propõe a seguinte "situação-problema" de um jogo de linguagem:

Olhemos agora com atenção a seguinte espécie de jogo de linguagem: por ordem de A, deve B escrever séries de signos de acordo com uma determinada lei de formação.

A primeira destas séries deve ser a dos números naturais no sistema decimal. – Como é que alguém aprende a entender este sistema? – Primeiramente, são-lhe escritas séries de números, e ele é exortado a copiá-las. (Se a palavra "série de números" não o incomoda, então ela não está empregada aqui incorretamente!) E já aqui há uma reação normal e uma reação anormal do aprendiz. – Talvez comecemos por conduzir sua mão ao copiar a série de 0 a 9.; mas, depois, a possibilidade de entendimento vai depender de que ele continue a escrever por si mesmo. – E aqui podemos imaginar, p. ex., que ele até copie algarismos por si mesmo, porém, não na seqüência, mas uma vez este, outra vez aquele, fora de ordem. E aí então cessa o entendimento. – Ou ele comete "erros" na seqüência. – A diferença entre este e o primeiro caso é, naturalmente, uma diferença de freqüência. Ele comete um erro sistemático, sempre copia, p. ex., apenas um de cada dois números; ou ele copia a série 0, 1, 2, 3, 4, 5,... assim: 1, 0, 3, 2, 5, 4,... Quase seremos tentados a dizer que ele nos entendeu incorretamente.

Mas, note: não há um limite nítido entre um erro desordenado e um erro sistemático. Isto é, entre aquilo que você tende a chamar de "erro desordenado" e aquilo que tende a chamar de "erro sistemático".

Pode-se desacostumar alguém talvez do erro sistemático (como de um mau costume). Ou aceita-se o seu jeito de copiar e procura-se ensinar-lhe o jeito normal como uma variante, uma variação, do seu.¹¹⁶

Com este exemplo aritmético Wittgenstein inicia a discussão de seguir regras e tem a intenção de demonstrar a apropriação do conceito de regra, por um aluno, a partir de séries numéricas. Ainda com esta intenção ele retoma a situação da série numérica no parágrafo 185:

¹¹⁶ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo 143.

[...] O aluno domina agora – de acordo com os critérios usuais – a série dos números naturais. Ensina-mos-lhe a escrever outras série de números cardinais e conseguimos que ele, p. ex., ouvindo ordens da forma "+ n", escreva séries da forma 0, n, 2n, 3n etc.; à ordem "+ 1" escreva, portanto, a série dos números naturais. – Nós faríamos nossos exercícios e testes de sua compreensão com números até 1000.¹¹⁷

No mesmo parágrafo, Wittgenstein propõe um "complicador" para a compreensão e complementação da série proposta:

Fazemos agora com que o aluno continue uma série (p. ex., "+ 2") acima do n° 1000, – ele escreve: 1000, 1004, 1008, 1012.

Dizemos-lhe: "Veja o que você está fazendo!" Ele não nos compreende. Nós lhe dizemos: "Você deve adicionar dois; veja como começou a série!" – Ele responde: "Sim! Não está correto? Eu pensei que devia fazer assim."

– Ou suponha que ele dissesse, apontando para a série: "Eu continuei de fato da mesma maneira!" – Não adianta nada dizer "Mas você não vê...?" – e repetir-lhe as explicações e os exemplos anteriores. – Em tal caso, poderíamos dizer talvez: Este homem, por natureza, compreende aquela ordem baseado na nossa explicação, tal como nós compreendemos a ordem: "Some sempre 2 até 1000, 4 até 2000, 6 até 3000 etc."¹¹⁸

O aluno, de fato, não entendeu o que deveria fazer para continuar a série – não compreendeu a regra "+ 2", esse é o ponto em que Kripke critica Wittgenstein, ou seja, o fato de instruir alguém em um tipo de regra: "+ 1" na série até 1000, e depois continue a série obedecendo outra regra: "+ 2" na série depois de 1000.

Embora o exemplo seja especificamente aritmético, as observações sobre seguir regras não estão confinadas a matemática e Wittgenstein clarifica que essas

¹¹⁷ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo 185.

¹¹⁸ WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo 185.

situações de seguir regras pode ser aplicado na linguagem em geral¹¹⁹ e ele também sugere outras situações-problemas de seguir regras em *Investigações Filosóficas*.

Mas, o que leva as pessoas seguirem uma regra (compreender a regra) e não seguirem uma outra "ordem"? E, quais as garantias que esta pessoa vai continuar empregando certo e em outros contextos a regra que compreendeu?

Wittgenstein esboça uma explicação a essa última questão. No parágrafo 147, ele generaliza o problema:

Se eu digo que compreendo a lei de uma série, não digo baseado na experiência de que eu, até agora, tenha empregado a expressão algébrica deste e daquele modo! Em todo caso, sei por mim mesmo que tenho em mente esta e aquela série; não importa até que ponto eu a desenvolvi realmente.¹²⁰

Ainda com respeito a aplicação futura de uma regra compreendida, Wittgenstein alerta:

“[...] não quero dizer que o que agora faço (ao apreender um sentido) determina a aplicação futura causal e empiricamente, mas quero dizer que, de uma maneira estranha, a própria aplicação está, em algum sentido, presente.” - Mas, em 'algum sentido', ela está presente! No que você diz, na verdade, só é falsa a expressão “de uma maneira estranha”. O resto está coreto; e a frase só parece estranha ao se imaginar para ela um jogo de linguagem diferente daquele em que efetivamente a aplicamos.¹²¹

¹¹⁹ Cf. SHANKER, S. G., Sceptical Confusions About Rule-Following, in SHANKER, S., **Ludwig Wittgenstein: Critical Assessments**. London: Routledge, 1997, p. 177.

¹²⁰ WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo 147.

¹²¹ Ibidem, op. cit, parágrafo 195.

Quanto a compreender uma regra e interpretá-la, o filósofo questiona: "Como pode uma regra me ensinar o que devo fazer nessa posição?"¹²² e responde:

O que eu quero que eu faça, deve ser compatível com a regra através de alguma interpretação. – Não, não se deve dizer desta maneira, mas assim: toda interpretação, juntamente com o que é interpretado, está suspensa no ar; não pode servir-lhe de suporte. As interpretações por si só não determinam o significado¹²³.

No parágrafo 199, Wittgenstein faz a sua defesa de aplicação de uma regra ou seguir uma regra desta forma:

O que denominamos "seguir uma regra" é algo que apenas um homem poderia fazer apenas uma vez na vida? – Trata-se, naturalmente, de uma observação para a gramática da expressão "seguir a regra".¹²⁴

E continua a defesa argumentando:

Não é possível um único homem ter seguido uma regra uma única vez. Não é possível uma única comunicação ter sido feita, uma única ordem ter sido dada ou entendida uma única vez, etc. – Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são hábitos (usos, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica¹²⁵.

Para Wittgenstein seguir uma regra é análogo a um cumprimento de uma ordem. "Treina-se para isto e reage-se à ordem de uma maneira determinada"¹²⁶. Mas se cada pessoa reage de forma diferente diante de uma ordem e de um treinamento, como se entende isso? E qual indivíduo estará com a razão?¹²⁷

¹²² Ibidem, op. cit. parágrafo 198.

¹²³ Idem, Ibidem, op. cit.

¹²⁴ Ibidem, op. cit. parágrafo 199.

¹²⁵ WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**, Petrópolis: Vozes, 2004. parágrafo, 199.

¹²⁶ Ibidem, op. cit. parágrafo, 206.

¹²⁷ Cf. Ibidem, op. cit. parágrafo, 206.

Para responder essas questões, Wittgenstein propõe a seguinte situação:

Imagine que você fosse como pesquisador a um país desconhecido cuja língua você desconhece completamente. Em que circunstâncias você diria que as pessoas de lá dão ordens, entendem as ordens, cumprem as ordens ou se insurgem contra elas etc.?¹²⁸

Depois de incitar a reflexão no leitor com essa situação, ele afirma categoricamente: "O modo de agir comum dos homens é o sistema de referência por meio do qual interpretamos uma língua estrangeira"¹²⁹, ou seja, a comunidade lingüística se põem de comum acordo. E conclui a discussão sobre seguir regras afirmando que:

Ao entendimento pela linguagem pertence não só uma concordância nas definições, mas também (por mais estranho que isso possa soar) uma concordância nos juízos¹³⁰.

¹²⁸ Idem, *Ibidem*, op. cit.

¹²⁹ *Ibidem*, op. cit.

¹³⁰ *Ibidem*, op. cit. parágrafo 242.

Capítulo IV

1 - Terceiro Wittgenstein?

Que Wittgenstein tenha sido um dos grandes filósofos do século XX – não resta a menor dúvida; que ele seja o autor de duas obras-primas: *Tractatus* e *Investigações Filosóficas* – a concordância é praticamente unânime; quanto a ele ter elaborado duas teorias distintas de filosofia da linguagem – são poucos os registros contrários; e que por conta desta última afirmação, os comentadores de sua obra acrescentaram a seu nome os termos "primeiro" e "segundo" para, desse modo fazer referências às duas fases de seu pensamento – o meio acadêmico incorporou a sugestão rapidamente.

Contudo, encontram-se comentadores que atribuem o termo "jovem Wittgenstein" à primeira fase do seu pensamento e consideram a existência de um período de transição entre a primeira e a segunda fase, portanto é comum encontrar referências como: "jovem Wittgenstein", "Wittgenstein intermediário" e "Wittgenstein tardio" para identificar o pensamento do filósofo. Porém, não é a esta forma de divisão do pensamento wittgensteiniano que a idéia de terceiro Wittgenstein está associada, mesmo porque os comentadores que usaram estas expressões "temporais" não estavam atribuindo três filosofias à Wittgenstein.

Considerando a existência de um terceiro pensamento na obra de Wittgenstein, de onde surgiu e como se sustenta a idéia de *terceiro Wittgenstein*? Quem são os comentadores do pensamento wittgensteiniano que defendem esta idéia?

1.1 - A idéia de Terceiro Wittgenstein

A raiz da convicção de que há um terceiro pensamento na obra de Wittgenstein encontra-se nos escritos que sucederam *Investigações Filosóficas*, por esse motivo, os defensores dessa concepção utilizam o termo "Wittgenstein's post-*Investigations works*" quando se referem à idéia de *terceiro Wittgenstein*. Quando se fala em trabalhos pós-*Investigações Filosóficas* inclui-se também a segunda parte desse livro, pois para os estudiosos a primeira parte é um trabalho completo. Na opinião de G. H. Von Wright, a primeira parte de *Investigações filosóficas* concluída em 1945 é completa e os trabalhos iniciados em 1946 marcam uma nova direção no pensamento do filósofo¹³¹, com G. H. Von Wright também comungam os defensores da idéia de terceiro Wittgenstein, pois eles não consideram a segunda parte de *Investigações Filosóficas* como sendo uma continuação da primeira, mas acreditam que são trabalhos distintos e que poderiam ter sido, quiçá, publicados separadamente.

Não obstante, em 1952, quando foi publicada a primeira edição de *Investigações Filosóficas*, G. H. Von Wright afirmou, juntamente com G. E. M. Ascombe e R. Rhees, que se Wittgenstein estivesse vivo e se ele mesmo "tivesse publicado sua

¹³¹ VON WRIGHT, G.H., *Wittgenstein on Certainty*, Oxford: Basil Blackell, 1982, p. 136.

obra, teria deixado fora grande parte do que agora perfaz mais ou menos as trinta últimas páginas da primeira parte e, no seu lugar, teria inserido o conteúdo da segunda parte, acrescentando outro material"¹³². Pelo que foi relatado, constata-se, que até mesmo um dos responsáveis pela publicação póstuma dos escritos de Wittgenstein emitiu outro pensamento, cerca de trinta anos depois, quanto à segunda parte de *Investigações Filosóficas*.

Outro comentador que tem a mesma opinião de G.H. Von Wright é P. M. S. Hacker. Em 1996 ele escreveu que se Wittgenstein incorporaria ou não a segunda parte do referido livro à primeira, isso são somente suposições, o fato é que Wittgenstein não incorporou-a. Além disso defendeu que a segunda parte não é uma continuação, mas parte integrante do mesmo livro¹³³.

Para os defensores da idéia de *terceiro Wittgenstein*, o autor elaborou três filosofias. A primeira delas está concentrada até a publicação do *Tractatus*; a segunda inclui a produção pós-*Tractatus* até a primeira parte de *Investigações Filosóficas* e na terceira filosofia encontram-se essencialmente os trabalhos escritos a partir de 1946, aí estariam inclusos *Da Certeza*, *Anotações sobre as Cores*, *Zettel*, todos os escritos sobre filosofia da psicologia e a parte II de *Investigações Filosóficas*.

¹³² WITTGENSTEIN, L., *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004. Nota dos editores, p. 5.

¹³³ Cf. MOYAL-SHARROCK, D. *The Third Wittgenstein: the post-investigation works*. Hampshire: Asghate, 2004, p. 2.

Segundo Moyal-Sharrock¹³⁴ afirmar que o pensamento de Wittgenstein tomou uma nova direção depois de 1946, não significa que ele não tenha escrito antes sobre epistemologia, filosofia psicológica ou filosofia das cores, mas que, a partir de então, seus escritos são inteiramente dedicados, concentrados e sustentados em uma formidável originalidade e profundidade. Segundo a autora, nos primeiros trabalhos de Wittgenstein tais temas já se faziam presentes, mas não foram apresentados claramente, visto que eles passam, de certa forma, despercebidos entre os outros temas trabalhados. Contudo, em *Da Certeza* os mesmos temas são retomados, clarificados e novas conclusões – por sinal bastante instigadoras – são apresentadas.

No que tange à epistemologia, a idéia de terceiro Wittgenstein tem como postura conceitual um rearranjo ou uma recategorização e visa clarificar a reformulação do pensamento wittgensteiniano acerca da epistemologia. Nesse contexto Wittgenstein apresenta os "equivocos" filosóficos quanto ao conhecimento; salienta a confusão do conhecimento com reivindicações ao conhecimento; e impulsiona a uma categorização entre o conhecimento e a certeza fundamental ou primitiva para que não resulte, em última instância, na exclusão da epistemologia, mas em sua redefinição como uma maneira de agir. Estas recategorizações epistemológicas de Wittgenstein resultaram também na realização, mais geralmente reconhecida na idéia de terceiro Wittgenstein, de sua desmitificação do ceticismo¹³⁵.

¹³⁴ Cf. MOYAL-SHARROCK, D. *The Third Wittgenstein: the post-investigation works*. Hampshire: Asghate, 2004, p. 3.

¹³⁵ Cf. MOYAL-SHARROCK, D. *The Third Wittgenstein: the post-investigation works*. Hampshire: Asghate, 2004, p. 3.

Quanto à psicologia filosófica, a incursão de Wittgenstein começou bem antes de 1946, os conceitos importantes referentes a esse tema encontram-se nos *Cadernos Azul e Marrom*, mas o terceiro Wittgenstein introduz, ou substancialmente inspeciona, novamente conceitos como "ver-como" (seeing-as), "significado experiencial" (experiencing meaning) e "testes padrões de vida" (patterns of life)¹³⁶. Os escritos do "terceiro Wittgenstein" sobre a filosofia da psicologia revelam a dependência gramatical de conceitos psicológicos infinitamente complexos e indeterminados.

Em *Anotações sobre as Cores*, Wittgenstein deixa transparecer uma ampliação da sua idéia de que existe uma certa intimidade entre os fatos e a "gramática"¹³⁷. Aí, ele afirma que parece existir certas proposições, que apesar de terem um caráter experimental, a veracidade delas é incontestável e isso quer dizer que se supuser que são falsas, deve-se desconfiar de todos os julgamentos.

Tanto em *Anotações sobre as Cores* como em *Da Certeza*, a gramática segue a "corrente" da vida, mas esta conexão "vida-gramática" não fere a "arbitrariedade da gramática", já que uma conexão nunca é epistêmica. Wittgenstein não encara mais a gramática como sendo exclusivamente aquela que se expressa por sentenças, por regras ou por amostras: a gramática pode também manifestar-se como uma maneira de agir.

¹³⁶ Cf. *Ibidem*, op. cit., p. 4.

¹³⁷ Cf. MOYAL-SHARROCK, D. *The Third Wittgenstein: the post-investigation works*. Hampshire: Asghate, 2004, p 5.

As convicções de “dobradiça” de *Da Certeza* e os “testes padrões de vida” de *Últimos Escritos* atestam notavelmente o fato de que um dos fios condutores no trabalho do terceiro Wittgenstein é a “gramaticalização” da experiência. Em um movimento que exceda qualquer coisa em *Investigações Filosóficas*, o terceiro Wittgenstein constrói uma gramática, ou sobre a certeza objetiva ou sobre um conceito pragmático.

1.2 - Defensores da Idéia de Terceiro Wittgenstein

Dentre os comentadores da obra de Wittgenstein, encontram-se alguns que defendem a idéia de *terceiro Wittgenstein*. Danièle Moyal-Sharrock idealizou um fórum de discussões sobre a idéia de *terceiro Wittgenstein*. Como o fórum não foi realizado, Moyal-Sharrock reuniu e organizou artigos de doze autores, os quais comungavam a mesma opinião, em um livro intitulado *The Third Wittgenstein - The Post-Investigation works*. A partir desses artigos pode-se identificar dois tipos de posições: os que acreditam em uma nova direção no pensamento de Wittgenstein e aqueles para quem a idéia de terceiro Wittgenstein constitui uma mera demarcação cronológica. Para este trabalho, o interesse está voltado para o primeiro grupo, ou seja, para aqueles que, ao examinarem a obra do filósofo apontam sentidos novos. A opção por tal grupo está calcada na identificação do autor da presente dissertação com esses comentadores e também, por acreditar-se que esse novo “olhar” para os trabalhos “pós-Investigações” ajudam a solidificar percepções-chaves do pensamento wittgensteiniano.

Avrum Stroll defende que *Da Certeza* apresenta uma característica que ainda não se fazia presente, não só na filosofia de Wittgenstein como na história da filosofia – o "fundamentalismo". Segundo A. Stroll trata-se de um "fundamentalismo não proposicional". Esta é a única forma de fundamentalismo que não é doxástico nem tampouco não-doxástico como convencionalmente os filósofos usam esses termos. Na intenção de exemplificar esta característica, e também para mostrar que existe uma explícita rejeição de Wittgenstein pelo cartesianismo na obra *Da Certeza*, Stroll apresenta várias passagens e cita cerca de setenta parágrafos onde pode-se constatar esta rejeição¹³⁸. Entre os parágrafos indicados por Stroll destaca-se o 205: "Se o verdadeiro é o que é fundamentado, então o fundamento não é verdadeiro nem falso"; o 234: "... Se pretendesse duvidar da existência da terra muito antes do meu nascimento, teria de duvidar de todas as espécies de coisas que são ponto assente para mim" e o 373: Por que "é que se supõe ser possível ter razões fundamentadas para acreditar em qualquer coisa se não é possível estar certo?"¹³⁹

Além do fundamentalismo, Stroll afirma haver uma divergência entre a forma de ceticismo usada no *Tractatus* e a que é usada em *Da Certeza*. A fim de esclarecer tal afirmação, ele cita os parágrafos 220: "O homem sensato não tem certas dúvidas"; 450: "... Uma dúvida que duvidasse de tudo não seria uma dúvida" e 625: "... Uma dúvida sem fim nem sequer é uma dúvida".¹⁴⁰

¹³⁸ Cf. STROLL, A., Wittgenstein's Foundational Metaphors, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004, pp 13 - 24.

¹³⁹ WITTGENSTEIN, L., **Da Certeza**. Lisboa: Edições 70, 1998, parágrafos 205, 234 e 373.

¹⁴⁰ WITTGENSTEIN, L., **Da Certeza**. Lisboa: Edições 70, 1998, parágrafos 220, 450 e 625.

Stroll demonstra um interesse particular sobre as metáforas utilizadas por Wittgenstein no seu fundamentalismo. Isto sugere que para o terceiro Wittgenstein a linguagem metafórica é parte do discurso ordinário. A linguagem metafórica pode iluminar várias características do mundo – coisa que a linguagem formal não é capaz. Certamente, somente a linguagem metafórica pode alterar a idéia de *weltbild*. O que Wittgenstein realiza em *Da Certeza* é justamente retocar a idéia de *weltbild*, danificada pela certeza fundamental, com o auxílio da metáfora.

Danièle Moyal-Sharrock acredita que em *Da Certeza*, Wittgenstein estendeu seu conceito de "gramática" a territórios inexplorados e, com isso, realizou a refutação ao ceticismo sobre a existência do "mundo-externo". Para essa autora, Wittgenstein sustenta que os fatos contingentes também podem pertencer à gramática, sem com isso forçá-la a pertencer ao reino empírico, a isto ela denominou "gramaticalização da experiência".

Portanto, Wittgenstein trouxe "à tona da gramática" proposições que eram aparentemente empíricas, ou seja, "proposições com a forma de proposições empíricas e não só proposições da lógica formam a base de todas as operações com pensamento (com linguagem)"¹⁴¹. Proposições como: "Aqui está uma mão" ou "Há objetos físicos" são sim, em certas situações, gramaticais; elas podem até parecerem estranhas do ponto de vista lógico, mas nem por isso desprovidas de sentidos em alguns jogos de linguagem. "Se, por exemplo, alguém disser 'Eu não sei se existe uma mão aqui', poderia dizer-se-lhe 'Observa melhor'. – Essa

¹⁴¹ Ibidem, op. cit., parágrafo 401.

possibilidade de cada um se convencer faz parte do jogo de linguagem. Representa uma das suas características essenciais"¹⁴², ou seja, usando o termo de Moyal-Sharrock, é a gramaticalização da experiência.

Segundo Moyal-Sharrock, a razão daqueles limites lógicos do sentido esteve atrelada, tanto à interpretação "*à la Descartes*" das proposições empíricas falsificáveis, como àquela que Moore e a filosofia tradicional identificam de "proposições sócias" – as proposições que têm negações inteligíveis: junção de palavras, cujo uso idêntico não é gramatical, mas empírico, factual ou ficcional e, como nestes casos as sentenças eram facilmente falsificáveis, supôs-se erradamente que fosse falsificável em todos os usos¹⁴³.

Com a intenção de estabelecer diferenças entre o pensamento do segundo e o do terceiro Wittgenstein, a autora se vale da idéia de "dobradiça", a qual o filósofo explora em *Da Certeza*, por exemplo os parágrafos 341 e 343. Para tanto, Moyal-Sharrock classifica as dobradiças que circunscrevem as proposições aparentemente empíricas e que de fato funcionam tanto como regra gramatical como dobradiças em quatro tipos: *lingüísticas; pessoais; locais e universais*.¹⁴⁴

A primeira classificação, dobradiça lingüística, está presente no segundo Wittgenstein onde, as proposições são aparentemente super-empíricas ou

¹⁴² Ibidem, op. cit., parágrafo 3.

¹⁴³ Cf. MOYAL-SHARROCK, D. On Certainty and the Grammaticalization of Experience in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein**: the post-investigation works. Hampshire: Asghate, 2004, pp 43 - 62.

¹⁴⁴ Cf. MOYAL-SHARROCK, D. On Certainty and the Grammaticalization of Experience in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein**: the post-investigation works. Hampshire: Asghate, 2004, pp 43 - 62.

metafísicas ou verdades necessárias; como exemplo de dobradiça lingüística tem-se: "Vermelho é mais escuro que rosa" e "Um remendo¹⁴⁵ não pode ser ao mesmo tempo vermelho e verde". As outras três classificações, *personais*, *locais* e *universais* estão presentes no terceiro Wittgenstein onde, as proposições são aparentemente físicas ou verdades contingentes. Como dobradiças pessoais têm-se: "Eu estou aqui, sentado perto do fogo, usando uma roupa de inverno"; como exemplo de dobradiças locais: "A terra é redonda" e a proposição: "Nesse lugar vivem outras pessoas tal como eu" é um exemplo de dobradiças universais.¹⁴⁶

A conclusão de Moyal-Sharrock é de que o ceticismo filosófico é apenas o produto de uma categoria de enganos: a tentativa mal orientada de negar o que é, de fato, uma regra da gramática. A autora afirma que, isto não é a própria certeza, mas a proposição sócia da certeza, essa os cétricos, involuntariamente e inconseqüentemente, têm encontrado e achado suscetível de negação.

José Medina em seu artigo Wittgenstein's Social Naturalism: The Idea of "*Second Nature*" after the *Philosophical Investigations*¹⁴⁷ afirma que na Parte I de *Investigações filosóficas* Wittgenstein apresenta uma tendência naturalista. Com base em sua afirmação ele examina *Da Certeza* com a intenção de verificar a presença do mesmo naturalismo ou verificar se algumas mudanças se fazem presentes. Medina constata que no último trabalho do filósofo o naturalismo tem

¹⁴⁵ "Remendo" considerado como um pedaço de tecido de uma única cor.

¹⁴⁶ Cf. Ibidem op. cit.

¹⁴⁷ MEDINA, J., Wittgenstein's Social Naturalism: The Idea of "*Second Nature*" after the *Philosophical Investigations*, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein**: the post-investigation works. Hampshire: Asghate, 2004, pp 79 - 92.

uma característica sociogenética quanto à normatividade e que isso caracteriza a "segunda natureza" de Wittgenstein.

Medina relata que depois de 1946 Wittgenstein tanto coloca em ênfase “os fatos da nossa história natural” como chama atenção para estes fatos naturais para descrever a contingência das práticas lingüísticas. Se a filosofia do terceiro Wittgenstein conserva uma forma de naturalismo, decididamente não deve ser um naturalismo científico à la Quine, mas um naturalismo social centrado na noção de segunda natureza.

Em *Wittgenstein on Lying as a Language Game* Dale Jacquete¹⁴⁸, realiza seu estudo a partir da suposição de que, se Wittgenstein afirmou em *Investigações Filosóficas* que não dizer a verdade é um jogo de linguagem com regras distintas da "gramática filosófica" e que a prática desse jogo independe do fato de se ter aprendido o jogo de linguagem para dizer verdades, esta afirmação não foi justificada em *Investigações*. A justificação da relação de jogos de linguagens de dizer verdades ou mentiras só foi justificada em *Lectures on Philosophical Psychology* entre 1946 e 47. Para Jacquete tal justificação deu uma outra direção ao pensamento wittgensteiniano e é uma das características do terceiro Wittgenstein.

Além desses comentadores, há outros que, de uma forma ou de outra, apontaram novas direções do pensamento de Wittgenstein, entre eles se encontram Michel

¹⁴⁸ JACQUETE, D., Wittgenstein on Lying as a Language Game, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004, pp 159 - 176.

ter Hark com o artigo intitulado "*Patternes of life": A Third Wittgenstein Concept*"¹⁴⁹; John V. Canfield com *Pretence and the Inner*¹⁵⁰; Jacques Bouverese com *Wittgenstein's Answer to "What is Colour?"*¹⁵¹; Franck Cioff com *Wittgenstein and the Riddle of Life*¹⁵² e Dan Hutto com *Two Wittgensteins Too Many: Wittgenstein's Foundationalism*¹⁵³.

¹⁴⁹ TER HARK, M., *Patternes of life": A Third Wittgenstein Concept*, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein**: the post-investigation works. Hampshire: Asghate, 2004, pp. 125 - 144.

¹⁵⁰ CANFIELD, J. V., *Pretence and the Inner*, in *ibidem* op. cit. pp. 145 - 158.

¹⁵¹ BOVERESE, J., *Wittgenstein's Answer to "What is Colour?"*, in *ibidem* op. cit., pp. 177 - 192.

¹⁵² CIOFF, F., *Wittgenstein and the Riddle of Life*, in *ibidem* op. cit. pp. 193 - 210.

¹⁵³ HUTTO, D., *Two Wittgensteins Too Many: Wittgenstein's Foundationalism*, in *ibidem*, op. cit. pp. 25 - 42.

Considerações Finais

O discernimento talvez seja a principal característica da filosofia wittgensteiniana. A mola propulsora do trabalho de Wittgenstein – do primeiro ao último – é a grande preocupação em livrar-se do "enfeitiçamento da língua", da filosofia e dele mesmo. Esses movimentos, até certo ponto pessoais, levaram Wittgenstein aos propósitos de procurar o que estava disfarçado na aparente uniformidade das construções das sentenças; de demonstrar o uso da linguagem que está além da aparência e de defender a clareza na linguagem filosófica. Estes propósitos não só permeiam a obra de Wittgenstein, como também realçam o discernimento buscado pelo filósofo.

Os esforços resolutos e contínuos de Wittgenstein para discernir o que era do que não era uma proposição estão presentes desde o *Tractatus* – com a singularidade fora das pseudo-proposições – até *Da Certeza* – com a ressonante realização de que "nem tudo que tem a forma de proposição empírica o é"¹⁵⁴. Este fascínio pelas proposições, além de demonstrarem um discernimento gramatical, também realiza a separação do que é aparentemente empírico daquilo que não pode ser outra coisa a não ser empirismo. E é, justamente esse discernimento gramatical, que tanto circunscreve a filosofia wittgensteiniana como também redefine o método de se fazer filosofia.

¹⁵⁴ WITTGENSTEIN, L., *Da Certeza*. Lisboa: Edições 70, 1998, parágrafo 308.

Se, do *Tractatus à Investigações filosóficas* houve uma redefinição da natureza da gramática, de *Investigações à Da Certeza*, Wittgenstein redefiniu a extensão desta gramática.¹⁵⁵

Com a redefinição da natureza da gramática, Wittgenstein rechaçou a teoria denotativa do significado e defende que ele, o significado, pode ser entendido tanto no contexto lingüístico como nas práticas de uma comunidade lingüística. E, se esta é uma das características da "nova" natureza da gramática, uma outra delas está relacionada à "totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada"¹⁵⁶, em outras palavras, é um "jogo de linguagem". Como todo jogo, esse, também está associado à regras.

As regras dos jogos de linguagem estavam abertas à inspeção, a qual conferia a elas uma arbitrariedade, ou seja, não estavam fundadas em nenhuma realidade. Esse caráter arbitrário das regras dos jogos de linguagem devia-se ao fato de os interlocutores as escolherem livremente, sem nenhuma razão aparente e também porque as regras eram desprovidas de fundamento. Essas regras não tinham contas a prestar à realidade, elas nada mais faziam do que determinar o significado e, por esse motivo, não eram responsáveis perante o significado.

Com o segundo Wittgenstein, fica acordado, não somente que a gramática não está fixada no desenvolvimento do seu uso, mas também que ela poderia substituir a metafísica. Em outras palavras, onde aparentemente havia uma

¹⁵⁵ Cf. MOYAL-SHARROCK, D. *The Third Wittgenstein: the post-investigation works*. Hampshire: Asghate, 2004, p. 4.

¹⁵⁶ WITTGENSTEIN, L., *Investigações Filosóficas*, Petrópolis: Vozes, 2004, parágrafo 7.

impossibilidade de metafísica passou a ser somente a expressão de uma regra da gramática.

As proposições continuaram sendo o objeto de estudos do terceiro Wittgenstein, o que mudou foi o alvo, representado agora pelas proposições empíricas. Este estudo resultou na redefinição da extensão da gramática. O que caracteriza essa extensão é que fatos contingentes como "a existência do mundo" ou proposições como "aqui está uma mão" também podem pertencer à gramática. *Da Certeza* põe à mostra que o que parece ser contingente ou parece proposições empíricas, pode apresentar um "status" lógico.

O fato das proposições empíricas adquirirem um status lógico depende diretamente do jogo de linguagem, no qual elas podem aparecer. E quando as proposições empíricas interferirem em uma jogada, o jogo que está sendo jogado tende a ser modificado ou, até mesmo, transformado em um novo jogo para atender a essa nova exigência, pois certos acontecimentos põem o jogador "numa situação em que não poderia seguir com o velho jogo de linguagem [como se ele] fosse arrancado à segurança do jogo. Na verdade, não parecerá óbvio que a possibilidade de um jogo de linguagem é condicionada por certos fatos?"¹⁵⁷

Se a incidência de proposições empíricas determinam o abandono de um jogo de linguagem para iniciar um novo jogo, elas influenciam também na escolha das regras do jogo. No terceiro Wittgenstein as regras continuam arbitrárias e sempre

¹⁵⁷ WITTGENSTEIN, L., *Da Certeza*. Lisboa: Edições 70, 1998, parágrafo 617.

abertas à inspeção, mas agora elas adquirem uma nova característica: as regras estarão condicionadas a idéia de *weltbild* dos jogadores do jogo.

Mas, "será que regra e proposição empírica se confundem?"¹⁵⁸ Wittgenstein afirma que elas não se confundem e que o problema está na falta de nitidez na demarcação entre regra e proposição empírica¹⁵⁹. É justamente neste ponto que a presente dissertação se fundamenta, a fim de defender uma nova direção do pensamento wittgensteiniano no que tange às regras.

Neste trabalho parte-se do princípio de que o empirismo está associado à noção de *weltbild*. A idéia de *weltbild* é um processo em construção: as pessoas reformulam e reelaboram a idéia de *weltbil* ao longo de suas vidas em uma relação dialética com o "mundo". Esse processo nada mais é do que o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos – e é a cognição que separa o empírico do aparentemente empírico.

Nos distintos, diversos e diferentes jogos de linguagem¹⁶⁰ em que as pessoas se envolvem cotidianamente é comum deparar-se com "jogadas empíricas", e, quando isso acontece, o jogo acaba e um novo jogo se inicia, de modo que as regras precisam adequarem-se a essa nova realidade. Como a jogada é "empírica" as regras também devem buscar respaldo no "empirismo" – é nesse ponto que o jogador se vale da idéia de *weltbild*.

¹⁵⁸ WITTGENSTEIN, L., **Da Certeza**. Lisboa: Edições 70, 1998, parágrafo 309.

¹⁵⁹ Cf. *Ibidem* op. cit., parágrafo 319.

¹⁶⁰ Esta aparente redundância foi esclarecida no item 1.2 do capítulo 2 deste trabalho.

Se com a noção de *weltbild* torna-se possível separar o que é empírico do que é aparentemente empírico, as regras, se valem dessa informação, para determinar se aquele novo jogo, o qual foi iniciado quando envolveu um "lance empírico", tem possibilidade ou não de ser continuado. As regras determinam que o jogo pode prosseguir quando a jogada foi definida como aparentemente empírica; para as jogadas definidas como empíricas, as regras deixam de existir e, conseqüentemente, o jogo acaba, pelo simples fato de impossibilidade de um jogo sem regras.

Wittgenstein alerta que deve-se "ter em atenção que o jogo de linguagem é, por assim dizer, imprevisível." O jogo de linguagem "não se baseia em fundamentos. Não é razoável (ou irrazoável). Está aí – tal como a nossa vida"¹⁶¹

Quanto a um jogo que é detectado como aparentemente empírico, não existe um fundamento para determinar se ele deve ser jogado ou não: "este jogo dá provas de valia. Isso pode ser a causa de ser jogado, mas não é o fundamento"¹⁶². "Qualquer lógica suficientemente boa para um meio de comunicação primitivo não é motivo para que nos envergonhemos dela. A linguagem não surgiu de uma espécie de raciocínio"¹⁶³, isto é, "não se trata de uma espécie de ver da nossa parte; é o nosso atuar que está no fundo do jogo da linguagem"¹⁶⁴.

Pretendeu-se mostrar aqui, mesmo de uma forma não tão abrangente, que uma nova direção do pensamento de Wittgenstein se encontra na capacidade dos

¹⁶¹ WITTGENSTEIN, L., **Da Certeza**. Lisboa: Edições 70, 1998, parágrafo 559.

¹⁶² Ibidem op. cit., parágrafo 474.

¹⁶³ Ibidem op. cit., parágrafo 475.

¹⁶⁴ DC, parágrafo 204.

seres humanos seguirem regras, a partir dessa visão, é a idéia de *weltbild* que determina a noção de seguir uma regra.

Deve ser dito ainda que do *Tractatus* até *Da Certeza* Wittgenstein realizou uma longa caminhada, embora interrompida por voltas e até certo ponto atravessadas, mas a trilha filosófica seguida foi única – a do discernimento e a da elucidação da gramática. São as 'voltas' dessa longa jornada que caracterizam e diferenciam o *primeiro*, o *segundo* e o *terceiro Wittgenstein*. As transformações – do primeiro ao terceiro – sejam elas retratações, melhorias ou revoluções na filosofia de Wittgenstein são, no todo, o resultado de uma única e invariável aproximação. A grande "lição" legada pelo filósofo talvez fique melhor sintetizada com Shakespeare nas palavras de Kent ao rei Lear: – Eu ensinar-lhe-ei diferenças!¹⁶⁵

¹⁶⁵ Cf. MOYAL-SHARROCK, D. *The Third Wittgenstein: the post-investigation works*. Hampshire: Asghate, 2004, p. 4.

Referências Bibliográficas

Obras de Ludwig Wittgenstein

Da Certeza; trad. COSTA., M. E. Lisboa: Edições 70, 1998. Edição Bilingüe.

On Certainty; trad. PAUL, D. e ANSCOMBE, G. E. M. Oxford: Blacwell, 1997.

Investigações Filosóficas; trad. BRUNI, J. C. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Investigações Filosóficas; trad. MONTAGNOLI M. G. Petrópolis: Vozes, 2004.

Gramática Filosófica; trad. BORGES, L. C. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

Le Cahier bleu et le Cahier brun; Paris: Gallimard, 1996.

O Livro Azul; trad. MARQUES, J. Lisboa: Edições 70, 19

O Livro Castanho; trad. MARQUES, J. Lisboa: Edições 70, 19

Observaciones sobre los fundamentos de la matemática; trad. REGUERA, I. Madri: Alianza, 1987.

Observações Filosóficas; trad. SOBRAL, A e GONÇALVES, M. S. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

Ocasiones Filosóficas; 1912-1951. trad. RODÍGUES, A. G. Madrid: Cátedra, 1997.

Remarks on Colour; trad. MCALISTER, L. L. e SCHÄTTLE, M.

Diarios Secretos. Madrid: Alianza, 1991.

Bibliografia de apoio

BLACK, M. Wittgenstein's Language-games, in SHANKER, S., **Ludwig Wittgenstein: Critical Assessments**. London: Routledge, 1997.

BORGHOSIAN, P. A., The Rule-Following Considerations, in MILLER A. e WRIGHT C., **Rule-Following and Meaning**. Ithaca: McGill-Queen's University Press Montreal & Kingston, 2002.

BOUVERESE, J., Wittgenstein's Answer to "What is Colour?" in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

CANFIELD, J. V., Pretence and the Inner, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas**. I - A linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CIOFF, F., Wittgenstein and the Riddle of Life, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

COSTA, C. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GENOVA, J., A map of the Philosophical Investigations, in SHANKER, S., **Ludwig Wittgenstein: Critical Assessments**. London: Routledge, 1997.

GRAYLING A. C. **Wittgenstein**; tradução de MOTA, M. C. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HACKER, P. M. S., **Wittgenstein**; tradução de CUTER, J. V. G. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HUTTO, D., Two Wittgensteins Too Many: Wittgenstein's Foundationalism, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

JACQUETE, D., Wittgenstein on Lying as a Language Game, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

KRIPKE, S. **Wittgenstein on Rules and Private Language**. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

MALCOLM, N. **Wittgensteinian Themes: Essays 1978-1989**. Edited by G. H. von Wright. Ithaca: Cornell University Press, 1995.

MEDINA, J., Wittgenstein's Social Naturalism: The Idea of "*Second Nature*" after the *Philosophical Investigations*, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

MONK, R. **Ludwig Wittgenstein: el deber de un genio**. Barcelona: Anagrama, 1994.

MOYAL-SHARROCK, D. On Certainty and the Grammaticalization of Experience in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Ashgate, 2004.

MOYAL-SHARROCK, D. **Understanding Wittgenstein's On Certainty**. New York: Palgrave, 2004.

SCHIMITZ, F. **Wittgenstein**; tradução de MARQUES, J. O. A. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

SHANKER, S. G. Sceptical Confusions About Rule-Following, in SHANKER, S. **Ludwig Wittgenstein: Critical Assessments**. London: Routledge, 1997.

STROLL, A., Wittgenstein's Foundational Metaphors, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

SUMARES, M. **Sobre Da Certeza de Ludwig Wittgenstein: um ensaio introdutório**. Porto: Contraponto, 1994.

TER HARK, M., "Patterns of life": A Third Wittgenstein Concept, in MOYAL-SHARROCK, D. **The Third Wittgenstein: the post-investigation works**. Hampshire: Asghate, 2004.

VON WRIGHT, G. H., **Wittgenstein on Certainty**. Oxford: Basil Blackell, 1982.

ZILLES, U. **O racional e o místico em Wittgenstein**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Bibliografia secundária

ALVARENGA, E. A noção de sujeito como aparece nas Meditações considerada à luz das sugestões wittgensteinianas a respeito da linguagem. **Discurso** (São Paulo), n.24, 1994. p.47-55.

AYER, A. J. **Wittgenstein**. Chicago: Chicago Univ. Press, 1986.

BAKER, G. P. **An analytical commentary on Wittgenstein's philosophical investigations**. New York, NY: B. Blackwell, 1988.

BARTLEY, W. W. **Wittgenstein**. Lasalle, Ill: Open Court, 1985.

BEARN, G. C. F. **Waking to wonder: Wittgenstein's existential investigations**. New York, NY: State Univ. of New York, 1997.

BRAND, G. **Los textos fundamentales de Ludwig Wittgenstein**. Madrid: Alianza, 1981.

BROWN, C. H. **Wittgensteinian linguistics**. Paris: Mouton, 1974.

CONDÉ, M. L. L. **Wittgenstein: linguagem e mundo**. São Paulo: ANNABLUME, 1998.

DIAMOND, C. **The realistic spirit: Wittgenstein, philosophy, and the mind**. Cambridge, MA: Bradford Book, 1991.

FAUSTINO, S. **Wittgenstein: o eu e sua gramática**. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, L. M. A. e ORRICO, E. G. D. (Org.) **Linguagem, identidade e memória social**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOGELIN, R. J. **Wittgenstein**. 2. ed. London: Routledge, 2004.

GARGANI, A. G. **Wittgenstein**. Lisboa: Edições 70, 1988.

GELLNER, E. **Lenguaje y soledad: Wittgenstein, Malinoswky y el dilema de los Habsburgo**. Madrid: Sintesis, 1998.

GIANNOTTI, J. A. **Apresentação do mundo: considerações sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- GLOCK, H. J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- HACKER, P. M. S. **An analytical commentary on the philosophical investigations**. Oxford: Blackwell, 1993.
- HEBECHE, L. “Não pense, veja!”: sobre a noção de “semelhanças de família” em Wittgenstein. **Veritas** (Porto Alegre), v.48, n.189, 2003. p. 31-58.
- HEBECHE, L. **O mundo da consciência**: ensaio a partir da filosofia da psicologia de L. Wittgenstein. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- HEBECHE, L. Wittgenstein e os nomes próprios. **Veritas** (Porto Alegre), v.49, n.193, 2004. p. 93-123.
- HOTTOIS, G. **La philosophie du langage de Ludwig Wittgenstein**. Bruxelles: Ed. de L'Université de Bruxelles, 1976.
- KENNY, A. **Wittgenstein**. Madrid: Rev. de Occidente, 1974.
- MARCONDES FILHO, C. **O discurso sufocado**. São Paulo: Loyola, 1982.
- MARCONDES FILHO, C. **O escavador de silêncios**: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação. Nova teoria da comunicação II. São Paulo: Paulus, 2002.
- MARCONDES FILHO, C. **O espelho e a máscara**. O enigma da comunicação e o caminho do meio: Nova teoria da comunicação I. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARQUES, A. **O interior, linguagem e mente em Wittgenstein**. Lisboa: FCG, 2003.
- MILLER, A. & WRIGHT, C. **Rule-following and Meaning**. Québec: McGill-Queen's University Press, 2002.
- MORENO, A. R. **Wittgenstein**: os labirintos da linguagem ensaio introdutório. Campinas: UNICAMP, 2000.
- MOYAL-SHARROCK, D & BRENNER, W. H. **Readings of Wittgenstein's On Certainty**. New York: Palgrave, 2005.
- OLIVEIRA, M. A. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

OLIVEIRA, M. B., OLIVEIRA, M. K. **Conceitos, linguagem e cultura**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

OLIVEIRA, N. F. Significado e skepsis nas investigações de Wittgenstein. **Veritas** (Porto Alegre), v.41, n.161, 1996. p.65-74.

PEARS, D. **As idéias de Wittgenstein**. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

RHEES, R. **Wittgenstein's On Certainty: There - Like Our Life**. Edited by D. Z. Phillips. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

RODRÍGUEZ CONSUEGRA, F. **Estudios de filosofía del lenguaje**. Granada: Comares, 2002.

SILVA, M. O. **O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem**: a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SPANIOL, W. **Filosofia e método no segundo Wittgenstein**: uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento. São Paulo: Loyola, 1989.

ZILLES, U. Wittgenstein: os jogos de linguagem. **Teocomunicação**, v. 20, n.90, 1990. p.385-408.